



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Licenciatura em Letras/Português

Monografia em Literatura

DAYANE FERNANES ALMEIDA

06/18306

**CAPITU REVISITADA: A NARRATIVA MEMORIALISTA E
SEUS ENREDOS DE PAPEL**

MENÇÃO	SS
--------	----

ORIENTADOR: Prof.Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior

**Brasília- DF
1º Semestre/2011**



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Licenciatura em Letras/Português

Monografia em Literatura

Capitu revisitada: a narrativa memorialista e seus enredos de papel

DAYANE FERNANDES ALMEIDA

Monografia apresentada ao curso de Letras-Português da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de licenciatura em letras- português.

Orientador: Prof. Dr. Augusto da Silva Rodrigues Junior

Brasília-DF
1º Semestre/2011

Aos Bantos e Capitus existentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram na elaboração deste trabalho direta ou indiretamente

Em especial, agradeço à minha mãe pela paciência nos momentos mais difíceis e ao Clever pelos momentos de compreensão.

Ao prof. Dr. Augusto Rodrigues pela orientação, ajuda e dedicação e, principalmente, por despertar em mim o interesse por Machado de Assis.

“O dia de hoje pode ser banal ou mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para a frente ou para trás”(Italo Calvino).

RESUMO

A partir do narrador memorialista e dos enredos de papel criados pela recordação, facultados pela temática do triângulo amoroso na obra Dom Casmurro, de Machado de Assis, pretende-se observar suas estruturas, relações sociais e humanas, suas ilusões e realidades. Neste sentido é possível observar como a temática folhetinesca do triângulo amoroso, presente em toda obra machadiana, permitiu ao escritor elaborar sua mais famosa e intrigante personagem: Capitu.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa memorialista; Capitu; folhetim; triângulo amoroso.

RÉSUMÉ

À partir du narrateur mémorialiste et des scénarios du papier créés par la remémoration, permis par la thématique de l'œuvre *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Il y a l'intention d'observer ses structures, les relations sociales et humaines, ses illusions et réalités. En ce cas-là est possible d'observer la thématique feuilletonesque du triangle amoureux qui apparaît dans toute l'œuvre de Machado de Assis. Cette thématique a permis l'écrivain d'élaborer sa plus fameuse et intrigante personnage : Capitu.

Mots-clés : narrative mémorialiste ; Capitu ; feuilleton ; triangle amoureux.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 HISTÓRIA DA LEITURA DE DOM CASMURRO: TRANSFORMAÇÕES, REVISÕES E TEMÁTICAS PREDOMINANTES.....	9
1.1 As visões da crítica sobre Dom Casmurro antes de 1960.....	11
1.2 A Crítica Revolucionária – Helen Caldwell	14
1.2.1 A releitura de Augusto Meyer sobre a obra Dom Casmurro	17
1.2.2 As transformações da crítica depois da obra <i>O Otelo Brasileiro</i>	18
1.3 Realidade e Ilusão – A narrativa memorialista	20
1.4 As análises a partir dos anos 80 até a atualidade	21
2. A TEMÁTICA DO TRIÂNGULO AMOROSO NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS.....	27
2.1 O Triângulo amoroso na literatura mundial.....	28
2.2 O Triângulo amoroso na obra de Machado de Assis	29
2.2.1 Singular Ocorrência – Traição em vida, fidelidade após a morte	30
2.2.2 A Cartomante – O triângulo concretizado e a crença no sobrenatural	32
2.2.3 A causa secreta – O amor não revelado e a crueldade humana	35
2.2.4 A Missa do Galo – A narrativa memorialista.....	38
2.3 A temática do triângulo amoroso nos contos e no romance.....	40
3. CAPITU REVISITADA.....	41
3.1 A narrativa MEMORIALISTA.....	41
3.2 O narrador e as transformações do ser	44
3.3 A construção dos personagens na narrativa	49
3.4 Uma ideia fixa, um enredo de papel e um novo triângulo amoroso	51
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

Esta monografia é dedicada ao estudo da obra de *Dom Casmurro*, um clássico machadiano que incita a curiosidade de seus leitores por meio da sua temática folhetinesca do triângulo amoroso e pela intrigante e encantadora Capitu.

Temos por objetivo analisar através da narrativa memorialista a construção da trama na narrativa de *Dom Casmurro*, observando as relações sociais e humanas, a realidade e a ilusão, a estrutura da obra. Voltando o olhar para o personagem-narrador que envolve o leitor de uma maneira surpreendente, tentando persuadi-lo de sua verdade acusando a esposa e jamais permitindo em suas lembranças qualquer que seja uma possível defesa.

Além da análise do romance, escolhemos alguns contos de Machado de Assis cuja temática é o triângulo amoroso. Baseados na tese de Luis Felipe Ribeiro, *Mulheres de Papel*, estabelecemos um diálogo entre os contos e o romance para a observação da temática e também para visualizar como o escritor de contos antecedeu o grande escritor dos romances.

No primeiro capítulo por ser uma obra bastante estudada e visitada analisaremos os percursos tomados pela crítica nos últimos cem anos. As transformações, revisões e temáticas predominantes. Observaremos desde a análise que contemplava a traição de Capitu como tema central e não olhava para nenhum outro detalhe até um estudo mais abrangente em que se observa o narrador, os personagens e a construção da narrativa. Esse caminho foi escolhido, pois ampliará nossa visão sobre a obra e nos levará a variados pontos de vista que poderão ser retomados durante os outros capítulos do trabalho.

Após a análise dos contos e de um panorama do triângulo amoroso na literatura mundial, adentraremos no romance para sua análise. Mesmo sendo um romance muito lido e estudado consideramos importante trabalhá-lo, pois sendo um clássico a cada leitura, vamos descobrindo elementos novos, novas perspectivas, novos detalhes. E também sempre acrescenta algo novo ao leitor. A cada leitura possuímos uma nova descoberta, por vezes boba, por vezes interessantíssima (utilizando aí um superlativo tão utilizado por José Dias), mas é sempre uma descoberta. Os diálogos com outras obras também alimentam nossa análise e ampliam o nosso estudo literário e a visão não só sobre *Dom Casmurro*, mas sobre outras obras machadianas.

1 HISTÓRIA DA LEITURA DE DOM CASMURRO: TRANSFORMAÇÕES, REVISÕES E TEMÁTICAS PREDOMINANTES

Neste primeiro capítulo abordaremos as contribuições das inúmeras críticas feitas ao romance *Dom Casmurro*. Este panorama expõe a história da recepção deste livro. Esperamos mostrar como cada crítico contribuiu para o estudo e as novas formas de análise ao longo de mais de cem anos. Não escolhemos nenhuma linha específica de interpretação ou data de publicação, mas tentamos focar na diversidade de caminhos utilizados para a compreensão da mais intrigante obra de Machado de Assis.

Observaremos as várias análises realizadas sobre essa narrativa, sobre Capitu, Bentinho e a época. Como o narrador de *Dom Casmurro* nos engana e nos manipula com tanta facilidade? Como os costumes estão representados? Como o amor aparece? Como o eu do personagem é visto? E como ele mesmo se vê? Houve ou não uma traição? Os personagens secundários têm direito a fala? Como o clero foi representado? As mulheres e a vida do século XIX? Os críticos tentam responder a essas perguntas cada um com sua visão, seu método, contribuindo assim para interpretações cada vez mais díspares e reveladoras de uma das principais obras de Machado de Assis. Neste caso, este capítulo conta a história da leitura de *Dom Casmurro*: suas transformações, revisões e temáticas predominantes.

Pensando na obra e no leitor de Machado de Assis, temos um autor que trabalha seu discurso, seus personagens, seus narradores de maneira que estes sejam envolventes e inquietantes. Na tentativa de fazer do seu leitor um ser pensante, capaz de ler, concordar ou discordar das ideias apresentadas na narrativa, surge esse narrador instigante. Porém, ele aparece envolvente, atrai seu leitor com seus temas tipicamente machadianos de interesse comum como o triângulo amoroso, a morte, as mulheres, os costumes do século XIX, a herança, entre outros assuntos.

Observamos, assim, um Machado escritor de folhetins, crônicas, contos que escrevia para divertir, em jornais e revistas para um vasto público de leitoras e leitores. Por meio dessas primeiras criações, contos, folhetins e crônicas com temas corriqueiros que vamos chegar aos seus grandes romances de narradores irônicos e sarcásticos.

Falando sobre o romance, a crítica constata que Machado não se limitou há seu tempo, nem ao regionalismo, mas construiu uma composição artística universal perpetuando-se até a atualidade, rompendo barreiras linguísticas, culturais e temporais. O grande tema de seus romances era o homem da sociedade do Rio de Janeiro no Império e nos primeiros anos da

República. Talvez sua obra seja tão discutida e ainda lida, por ter se tornado um clássico que, nas palavras de J. C. Garbuglio:

Machado que assusta e intimida, espicaça e provoca, fascina e amedronta, põe em dúvida o leitor, chama-o mas não se entrega nunca inteiramente. Resguarda-se, resiste, exige participação e regresso, paciência e argúcia, mas em compensação dá em troca satisfação sempre renovada, que nenhum outro escritor da literatura brasileira é capaz de dar, numa literatura em que a maior parte das obras cedo envelhecem (BOSI et al., 1982, p.310).

Porém, antes de adentrarmos nos pontos de vista sobre *Dom Casmurro* falaremos um pouco da crítica precedente aos seus grandes romances, histórias de grande importância na obra de Machado. Essas histórias contadas por suas crônicas, e contos, ocupavam no jornal a seção denominada *Folhetim*, essa seção continha o romance, o conto, a crônica e, em alguns momentos, a poesia. O folhetim tinha o objetivo de divertir, comentar o cotidiano dos cidadãos e da cidade, e o folhetinista devia conseguir prender o leitor na sua seção, eram as novelas do Século XIX. Como diz Sônia Brayner¹ “O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Esses dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal”.

Machado como folhetinista já demonstrava a capacidade de chamar a atenção dos seus leitores e leitoras, escrevendo sobre assuntos da vida cotidiana, dos sentimentos e atitudes humanas, utilizando-se de um narrador na maioria das vezes irônico, despojado e sarcástico.

A crítica acima citada elogia as crônicas de Machado, pelo seu interesse em representar o humano e o urbano e as relações sociais do Rio de Janeiro do século XIX utilizando-se de um tipo de *humour* ou ironia para apontar os contrastes sociais. As crônicas e os contos escritos por Machado foram de grande importância para seu crescimento enquanto escritor, eles foram sendo construídos até o momento da maturidade da escrita de seus grandes romances.

Os contos escritos por Machado ilustravam no imaginário do receptor do texto o questionamento das contradições, os limites desconhecidos entre a vida e a morte, a linha tênue cuja barreira é imperceptível entre a sanidade e a loucura, o falso e o verdadeiro, a dúvida, o ciúme, o triângulo amoroso, sendo este platônico ou concretizado, a divisão entre bem e mal, e o grande jogo narrativo; narrador, personagem e leitor. Essas temáticas

¹ Sônia Brayner (1979 apud Machado de Assis. O folhetinista. p. 958. Todas as citações das crônicas machadianas correspondem ao v.3 da Obra Completa; mantêm o título geral da coluna jornalística.

abordadas proporcionam o entretenimento, o exame racional da narrativa, e diferencia sua obra das demais publicadas no mesmo período.

Dessa forma, nos contos, Machado já tratava das pessoas, dos acontecimentos da vida cotidiana de todo ser humano, utilizava-se de muitas articulações da linguagem para estabelecer um diálogo com seu leitor. O narrador conduzia de sua maneira a leitura e apontava assim os problemas da sociedade e as relações humanas, mostrando como as relações são instáveis e relativas como analisa Sônia Brayner:

Instalado nessa óptica do relativo a eleger seu o reduto de analista das ações e comportamentos, Machado de Assis coloca em julgamento o já-pensado, o já-feito, o já-sentido, com o firme propósito de desvendar a eterna pantomima do mundo, ópera esquecida por Deus e montada pelo Diabo, como a descreve em *Dom Casmurro* (BOSI et al., 1982, p.427).

Visualizando de uma maneira geral a obra machadiana, infere-se um autor que sempre escreveu sobre a vida cotidiana, as relações sociais e os problemas vividos pelos homens a partir do interior de cada personagem. Ao mesmo tempo, proporcionando o prazer da leitura, para o leitor atento, cria também novas formas de ver e julgar o mundo adquirindo uma consciência da sociedade e de sua própria existência.

Neste momento, começaremos a tratar do romance *Dom Casmurro*, e para uma análise satisfatória fizemos o levantamento das interpretações até então realizadas em diferentes períodos. Estas serão estudadas por ordem cronológica, para observarmos com clareza as transformações ocorridas com a crítica, mas em alguns momentos usaremos também a temática abordada pelo crítico e suas possíveis mudanças no contínuo diálogo da recepção pensante – da qual esta monografia, mesmo que limitada, tenta acrescentar um pequeno capítulo.

1.1 AS VISÕES DA CRÍTICA SOBRE DOM CASMURRO ANTES DE 1960

Deparamo-nos com variadas opiniões, de datas e diferentes autores. Podemos destacar nomes como Augusto Meyer, Eugênio Gomes, Sônia Brayner, J. C. Garbuglio, Luis Filipe Ribeiro, Alfredo Bosi, Hellen Caldwell, Marta de Senna, Antonio Candido, José Aderaldo Castello como críticas escolhidas para ajudarem na visualização deste panorama de *Dom Casmurro*. Outros serão citados e utilizados neste trabalho, porém considero os acima citados,

sem desmerecer o trabalho dos outros críticos, de grande importância para a transformação da recepção do livro no decorrer das décadas.

Como o nosso objetivo é estudar as contribuições de cada crítica, começemos por José Veríssimo. Na primeira edição de *História da literatura brasileira* de 1916, ele possui um capítulo dedicado a Machado de Assis, no qual faz uma análise sobre *Dom Casmurro*. Veríssimo declara Capitu como sendo uma grande traidora e Bentinho um bom homem enganado pela mulher que tanto amara, usando as seguintes palavras:

É o caso de um homem inteligente, sem dúvida, mas simples, que desde rapazinho se deixa iludir pela môça que ainda menina amara, que o enfeitiçara com a sua faceirice calculada, com a sua profunda ciência congênita de dissimulação, a quem ele se dera com todo ardor compatível como seu temperamento pacato. Ela o enganara com o seu melhor amigo, também um velho amigo de infância, também um dissimulado, sem que êle jamais o percebesse ou desconfiasse. Somente o veio a descobrir quando lhe morre num desastre o amigo querido e deplorado, (VERÍSSIMO, 1963, p.316).

Veríssimo acusa tanto a mulher como o amigo de enganarem e dissimularem. Outros críticos compartilham da mesma visão. Em 1917 Alfredo Pujol defende Bento por ser uma boa alma e acusa Capitolina de ruim, enganadora que o trai com seu amigo:

Passemos agora a *Dom Casmurro*. É um livro cruel. Bento Santiago, alma cândida e boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e para a ternura, ama desde criança a sua deliciosa vizinha, Capitolina- Capitu, como lhe chamavam em família. Esta Capitu é uma das mais belas e fortes criações de Machado de Assis. Ela traz o engano e a perfídia nos olhos cheios de sedução e de graça. Dissimulada por índole, a insídia é nela, por assim dizer, instintiva e talvez inconsciente. [...] Capitu engana-o com o seu melhor amigo, e Bento Santiago vem a saber que não é seu o filho que presumia do casal. A traição da mulher torna-o cético e quase mau, (BOSI *apud* PUJOL, 1917, p.240).

Pujol ainda afirma que o filho não é de Bento, para que não exista nenhuma dúvida do adultério. Sua convicção define sua crítica.

Alguns anos mais tarde, em 1940, Afrânio Coutinho corrobora as últimas análises, porém acrescenta um novo elemento – o tema do amor. Assumindo a postura de negar a existência do amor na obra de Machado de Assis, pois os casamentos são motivados por esse sentimento o que nem sempre acontece nos romances machadianos, estes se realizam muitas vezes por algum tipo de interesse financeiro, de conquistar um lugar de importância na sociedade. É o que Coutinho acredita ter acontecido no casamento de Bento. Para ele, Capitu

não casara por amor e não possuindo esse sentimento no matrimônio buscou-o nos braços de Escobar.

Em 1947, em um ensaio denominado *Da sensualidade na obra de Machado de Assis*, Augusto Meyer faz sua crítica a *Dom Casmurro* tratando como ponto chave a personagem Capitu, pois tudo gira ao seu redor: “*Dom Casmurro é o livro de Capitu*” (MEYER, 1947, p. 52). Quem conta a história de sua vida é Bentinho, porém a presença dessa mulher é constante, em cena ou nos bastidores, ela é tão importante quanto o personagem principal. Capitolina é a razão pela qual a obra existe, por isso, todos os fatos vão ao seu encontro.

Analisando Capitu e sua forma de agir e ser, o crítico considera o fato de ela buscar uma melhor posição social casando-se com Bentinho. Embora, eles fossem vizinhos, Bentinho tinha mais condições financeiras, e a menina desejava possuir uma vida mais confortável. Desse modo, a análise feita por Augusto Meyer prioriza o estudo da personalidade e das ações de Capitolina. Chegando-se à conclusão que na tentativa de alcançar seus objetivos, ela mentiu e dissimulou, mas não a acusa totalmente, por acreditar que talvez tivesse um pouco de inocência. Podemos identificar o instinto humano nas suas ações, pois ele diz: “Como se fosse uma fêmea feita de desejo e de volúpia, de energia livre, sem desfalecimentos morais, não sabe o que seja o senso da culpa ou do pecado,” (*Id., Ibid.*, p.61).

Capitu lutava pelo seu querer e buscava alcançar seus sonhos. No livro ainda sob o foco do crítico tratado, ela teria passado por três momentos de erupção incontida, em que não consegue manter a calma e o ar sereno, momentos reveladores de sua forte personalidade, de sua verdadeira natureza e culpa no provável adultério. Isso acontece “quando se revolta contra a teimosia de D. Glória, quando se despede do cadáver de Escobar e quando, enfim, diante da acusação viva que é o filho, confessa - confessa? – num relancear de olhos a sua culpa.” (MEYER, 1947, p.60).

Eugênio Gomes traz outro ponto de vista em seu texto *O Microrrealismo de Machado de Assis* de 1958. Nesse artigo ele discute o gosto de Machado pela escrita da minúcia, dos pequenos detalhes, mostrando em poucos traços as relações humanas e sociais. Como no fato de observar os sapatos de Capitu para constatar sua classe social não privilegiada, e observar na linguagem do narrador, a natureza humana por vezes excessiva e por vezes diminuta. Retrata-se em determinados momentos muitos detalhes na narrativa e em outros momentos suprime as explicações, então é necessário analisar essas duas partes que se completam para uma boa análise estrutural ou psicológica do texto.

Novas críticas surgem em 1957 e 1959, a de Brito Broca e Astrojildo Pereira, os dois vieram defender a composição artística de Machado de Assis como uma obra que retratava o século XIX, a política e o meio social. Muitos criticavam o fato de Machado escrever livros com temáticas como a de *Dom Casmurro* ao invés de escrever denunciando as mazelas sociais. Porém, esses dois críticos defenderam a maneira de elaboração da escrita de Machado, pois mesmo não levantando uma bandeira sobre determinado assunto social ou político, ele sempre participava intensamente dos fatos e os julgava não explicitamente - por isso, muitos estudiosos literários não perceberam na sua época a representação social - mas ela estava lá, talvez nas estrelinhas, para um leitor atento e observador.

A crítica de Brito Broca foi apresentada aqui junto à de Astrojildo Pereira e não antes da de Eugênio Gomes, pois ambos trabalham com uma vertente social e suas idéias se complementam.

Ao estudarmos as apreciações de 1916 até 1959 percebemos nesse primeiro momento interpretações voltadas para a afirmação de uma Capitulina dissimulada, enganadora, buscando ascender socialmente e que, na maioria dos casos, realmente traiu seu marido, Bento, homem meigo, inocente, bom e ressentido com o amigo, Escobar. Logo, a crítica defende: Capitu traiu Bentinho e Ezequiel é filho do amante. A crítica desse período só tem olhos para a provável traição não abordando nenhum aspecto da construção da narrativa por seu narrador.

1.2 A CRÍTICA REVOLUCIONÁRIA – HELEN CALDWELL

Depois das análises até 1959, surge, em 1960, a obra revolucionária na crítica de *Dom Casmurro – O Otelo Brasileiro de Machado de Assis* da autora Helen Caldwell traduzido, somente em 2002, por Fábio Fonseca de Melo. Essa investigação volta o olhar para vários pontos trabalhados por Machado, mudando a visão da crítica de maneira geral.

Helen Caldwell vai analisar partes da obra, dialogando com as peças de Shakespeare *Otelo e Hamlet*. Determina como ponto-chave de *Dom Casmurro* o ciúme, sentimento envenenador das mentes que o sentem, retratando uma mente sempre desconfiada do ser amado, trazendo o amor trágico, a questão do bem e do mal representado dentro de cada ser humano, bem como a paixão e o amor-próprio como um tipo de mal, se exagerado. A estudiosa coloca a contraposição do amor e do amor-próprio, pois na verdade Santiago

possuiria um amor-próprio que o fazia odiar tudo o que lhe é superior e simpatizar com o que lhe é inferior. Caldwell não visualiza Bentinho como um inocente, mas o enxerga como um ser que passou por várias situações e virou alguém manipulador e amargo, possuidor de vários defeitos humanos, tais como a inveja, o ciúme, a vaidade, a sensualidade e o ódio, mas todos esses sentimentos já estavam nele desde a adolescência.

Caldwell acredita no amor de Capitu como no sentimento de Desdêmona por Otelo e Bento seria a representação do bem e do mal, pois dentro dele estariam Otelo e Iago, a dubiedade da natureza humana. Consegue-se visualizar por meio dessa crítica a questão da paixão dos adolescentes, uma chama que queima, profana, em contraposição ao amor de sua mãe, de Deus, e a obrigação do seminário.

Na realidade, a todo o momento, na narrativa, Bento diz ser enganado pela mulher, porém, seria enganado por si mesmo, por sua vaidade, pelo seu amor-próprio. Ele era verdadeiramente amado, todavia desconfiava e duvidava desse amor. Na velhice, carregando a culpa por não ter amado como deveria, emerge a necessidade de acusar e fazer com que seus leitores acreditem na traição de Capitolina, para ocultar o egoísmo carregado por ele, pois a vizinha, depois esposa, tentava sempre agradá-lo e levava consigo sempre um grande amor, não correspondido da mesma maneira.

Logo, a questão de Capitu ter traído Bento e de Ezequiel ser filho de Escobar é descartada por Helen, ela nega essa possibilidade no seguinte trecho:

Nós também, desorientados leitores de Dom Casmurro, permitimos às nossas próprias naturezas desconfiadas aumentar e confirmar as suspeitas de Santiago. O fato – se é que seja um fato – de Ezequiel se parecer em algo com Escobar não significa necessariamente concluir que aquele é filho deste. Gurgel não é o único oráculo mofado por Santiago. Há um outro, mais solene, que declara a verdadeira origem de Ezequiel, que é nada menos que a Sagrada Escritura: “Tu eras perfeito em teus caminhos, dede o dia da tua criação” – sobre a qual Santiago lança descrença cética com sua pergunta “Quando seria o dia da criação de Ezequiel?” Mas, se dermos mais atenção à reprimenda de Machado, aceitarmos a citação bíblica solenemente. Nesse caso, temos que Ezequiel é o filho legítimo de Santiago, sendo este infiel e ciumento, e Capitu, inocente. Significa ainda que Escobar foi “perfeito em seus caminhos”, pois também se chamava Ezequiel e foi Machado de Assis quem lhe conferiu esse nome. (CALDWELL, 2008, p. 119).

Descartando a traição e levantando a hipótese de ser Bento o verdadeiro dissimulado da narração, Caldwell abre caminho para as próximas críticas analisarem quem era o verdadeiro Bento e desviarem um pouco o olhar da vizinha, para a observação de novos

pontos da obra, como o diálogo de *Dom Casmurro* e outros clássicos da literatura. Analisando também o comportamento humano diante de algumas situações.

Para Caldwell, Capitu teria sido vítima de uma mente doente, a mente de Casmurro, que era Bentinho rapaz inocente, mas que na verdade sempre reprimiu seus sentimentos e sabia que a esposa o amava, mas que talvez ele não a amasse com toda veracidade:

[...] quando nota que Capitu é mais bonita que ele, que seus sonhos também o são, que o amor dela é maior que o seu, sua força maior do que qualquer temor. Suas dúvidas são, na verdade, uma – dúvida de sua capacidade de amar. Essa dúvida engendra outras dúvidas de natureza mais específica: dúvida de sua virilidade [...] (CALDWELL, 2008, p. 124).

Na verdade, o Casmurro sempre esteve dentro do Bentinho, e este sempre projetou seu amor, seu ódio e todos os tipos de sentimentos e sensações possuídos em sua alma, como se Capitu os tivesse. Bento inveja a capacidade de amar, de ser fiel e de se doar de sua mulher. “Quando Santiago diz que inveja a providencial capacidade de enganar de Capitu, significa que ele inveja a fidelidade, a confiança, a singularidade, a pureza, o auto-abandono do amor de Capitu,” (*Id., Ibid., p. 124*).

Do ponto de vista de Caldwell Capitu foi uma grande vítima do seu marido advogado que tenta justificar suas fraquezas acusando-a sempre. Esse homem de mente doentia e que só sabia amar a si mesmo. Sendo advogado, Santiago sabia utilizar as palavras, a oratória, conseguia adequar a linguagem para alcançar o seu objetivo e usando desse conhecimento, do seu poder de persuasão tenta ludibriar o leitor.

Podemos resumir as ideias de Caldwell, se é que verdadeiramente possível resumir um livro tão bem estruturado e rico de elementos, na seguinte citação:

A vida, diz ele, é uma luta entre Deus e o diabo, entre o bem e o mal na alma dos homens. É geralmente aceito que seus romances são um esquadramento da alma. Mas, como procurei demonstrar, o bem e o mal, para Machado, são o amor e o amor-próprio em todos os seus nove romances – na verdade, em toda a sua ficção e, talvez, em todos os seus escritos, em toda a sua obra, (*Id., Ibid., p. 208*).

Essa interpretação, formulada por uma estrangeira, conseguiu analisar a obra como um todo, não se atendo as atitudes e sentimentos de uma só personagem, mas sim o conjunto das ações, da linguagem, de como a narrativa segue durante todo o romance, visualizando do personagem principal aos secundários cada detalhe.

1.2.1 A releitura de Augusto Meyer sobre a obra *Dom Casmurro*

Retornando aos críticos brasileiros voltaremos a um já estudado anteriormente, Augusto Meyer, somente para demonstrar a mudança de sua interpretação de *Dom Casmurro*, no decorrer dos anos. Bom exemplo do impacto causado por Caldwell.

No ensaio: *O romance Machadiano: o homem subterrâneo*, de 1964, Augusto Meyer vai definir os romances *Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires* como pseudo-autobiografias. Por conseguinte, tratando-se do segundo romance acima citado, Meyer vai perceber na temática da obra elementos como o drama do ciúme e a presença de Capitu, mencionados em outras análises. Ele mostra como Caldwell também discutiu em sua crítica a questão do amor adolescente e de um novo perfil de mulher, pois Capitu é uma mulher a frente de seu tempo, pois sabe o que quer, sabe conversar, tem interesse por assuntos que só diziam respeito aos homens. Segundo o autor, é um grande estudo sobre a adolescência:

De um modo mais preciso, diga-se que o romance verdadeiro está quase todo concentrado nos primeiros cem capítulos do livro, que é onde o idílio começa a esboçar-se ainda tímido a princípio, depois vinga e desabrocha com aquela cena do primeiro beijo, no capítulo 33 [...] (BOSI et al., 1982, p. 360).

Meyer analisa a estrutura do romance, constata um idílio realista, nada de sonho, de irreal, pois não possui o sentimentalismo de outros idílios ou mesmo os “clichês naturalistas”, pois seria apenas a retratação do que aconteceu. Mas referindo-se a idílio, a obra tem como tema também o amor.

Nessa análise temática feita por Augusto Meyer temos o triângulo amoroso, e o ponto de encontro entre *Brás Cubas* e *Dom Casmurro* é o tema do adultério. Colocado da seguinte maneira: “em *Brás Cubas* fala o adúltero; em *Dom Casmurro* quem está com a palavra é o marido enganado,” (*Id., Ibid., p. 360*).

Mesmo fazendo novas análises temáticas, Meyer continua defendendo que houve um adultério, percebemos na frase acima, e cita o triângulo amoroso da seguinte maneira: “(...) em *Dom Casmurro*, onde o clássico triângulo: marido, mulher, amante, está bem à vista no prosclênio da obra,” (*Id., Ibid., p.361*).

Introduzindo a ideia do triângulo amoroso que será trabalhada de forma bem desenvolvida por outros críticos. Augusto Meyer provocou outras críticas direcionadas ao livro *Dom Casmurro*.

Percebemos a capacidade de mudança de postura de Meyer, pois ele deixa de observar somente a personagem Capitu e começa a análise de toda a estrutura da obra, o drama vivido por Bentinho, as temáticas contidas na obra como o amor adolescente, o ciúme que é o drama da vida do narrador, e o diálogo com outras obras de Machado.

1.2.2 As transformações da crítica depois da obra *O Otelo Brasileiro*

Depois de *O Otelo Brasileiro*, *Dom Casmurro* passou a ser visto com novos olhos pelos estudiosos literários. Em um primeiro momento, temos a recepção, além de Meyer, por dois importantes estudiosos Eugênio Gomes e Antonio Candido.

Eugênio Gomes quase dez anos após ter escrito o ensaio sobre o *Microrrealismo*, lançou *O Enigma de Capitu*, em 1967. Nessa obra, ele analisa a personagem no centro de toda a narrativa, tentando revelar as naturezas verdadeiras de Capitulina e de Bento Santiago. Seguidor das ideias de Caldwell cita a autora em alguns momentos e dialoga com ela. Eugênio Gomes analisa a mesma questão discutida por Caldwell sobre a dissimulação do narrador. Para ele, o homem que narra a própria memória estaria defendendo a verdade de sua própria imaginação, ou seja, esse narrador acredita na sua história, na realidade tomada para si, a sua realidade ou a realidade de sua imaginação. E leva o leitor a nele acreditar – com seus índices de persuasão e trama narrativa.

Eugênio estuda a linguagem do narrador que suscita muitas dúvidas, pela utilização de verbos de imprecisão como o parecer e muitas vezes o modo subjuntivo.

Parte interessante de sua crítica é dizer que Bentinho traiu Capitu em pensamento com Sancha e talvez por esse motivo culpasse tanto a mulher, mas ela o amava e ele é o dissimulado.

Eugênio também acredita em uma relação conjugal fracassada e no ciúme doentio alimentado pelo marido. Como Escobar era muito diferente dele, Bento achava que a mulher se interessaria pelo amigo devido às diferenças, da mesma forma a qual Sancha chamara sua atenção.

Retornando a questão do ciúme, quem introduziu na vida de Bentinho esse sentimento foi o agregado José Dias, quando ainda na adolescência declarava a Bentinho que o olhar de Capitu era dissimulado. José Dias fez o papel de Iago na vida de Bento, como Otelo acreditou e matou Desdêmona. Porém, para Gomes “Os ciúmes de Bentinho e de Otelo só apresentam

de comum entre si o fato de terem sido instigados por uma perfídia, em ambos os casos refletindo interesse subalterno”, (GOMES, 1967, p. 119).

Bento seria muito mais fraco que Capitu e isso o intimidava. Primeiro estava debaixo das ordens de sua mãe, queria mandá-lo para o seminário para ser padre, depois a menina vizinha era mais madura do que ele. Sua personalidade era fraca, ele era fraco e medroso, ao contrário Capitu era forte e lutava pelo que queria e o amava. Depois de toda uma vida fracassada por causa de seus fantasmas, faz uma tentativa de voltar para seu passado, mesmo sabendo ser uma busca vã, pois nada pode fazer e na verdade, não é possível atar a velhice na adolescência.

A crítica de Eugênio como a de Helen uniu muitos fatores da obra, permitindo-nos uma visão mais abrangente de todos os detalhes nela contidos: as relações humanas, os sentimentos humanos, o meio social, que muitas vezes ajudam em uma melhor compreensão e possibilita aos leitores maneiras diferentes de visualizá-la.

Em 1970², no livro *Vários escritos*, no qual está o ensaio *Esquema de Machado de Assis*, Antonio Candido também recepciona a leitura de Helen e concorda que o foco não é uma provável traição. Ele diz: “Mas o fato é que, dentro do universo machadiano, não importa muito que a convicção de Bento seja falsa ou verdadeira, porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida,” (CANDIDO, 1995, p.30).

Então, independente da questão do adultério, ou do ciúme, percebemos como as situações se modificam a partir do momento que pensamos algo e tomamos esse algo como uma dúvida presente em nossas vidas como Bento fez. Se a traição aconteceu ou não, o mal já estava feito e cabe a nós não tentar descobrir esse ponto, ou permanecer e tentar desvendá-lo, mas sim analisar o comportamento, os sentimentos, as relações estabelecidas pelos seres humanos e que Machado consegue reinventar na obra *Dom Casmurro*.

² O livro foi publicado em 1970, porém os ensaios que compõem o livro foram apresentados em 1968 em uma palestra para estudantes norte-americanos nos Estados Unidos.

1.3 REALIDADE E ILUSÃO – A NARRATIVA MEMORIALISTA

A crítica estudada neste tópico é do ano de 1969, e merece destaque por ser um dos trabalhos mais completos e, de certa forma, menos conhecido, pela crítica machadiana. José Aderaldo Castello em *Realidade e Ilusão em Machado de Assis trata* do imaginário, da realidade e da ilusão nos livros desse autor. No romance *Dom Casmurro*, ele destaca a imagem do personagem-narrador que conta a sua realidade, ou o que ele pensa ser real mediante a narrativa memorialista – e suas tramas ilusórias.

A narrativa memorialista é filosófica refletindo uma análise, uma retomada de consciência dos atos passados, mas ao mesmo tempo é usada como autodefesa. Retrata a condição humana de quem viveu e que teve a oportunidade de aprender como observador e memorialista, sendo assim, essa criação se faz válida para ele mesmo.

Continuando com essa narrativa, Aderaldo considera o ponto-chave entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* a questão do narrador. Casmurro narra sua vida muitos anos depois do acontecido, a partir do seu mundo interior, traduzindo sua verdade de vida por meio da ilusão, pois este já está sujeito as limitações do tempo, da memória e do espaço.

Esse modo de contar a história proporciona variadas formas de visualizar a narrativa: duas utilizadas pelo narrador e uma para convencer o leitor de sua realidade. As utilizadas pelo narrador é o primeiro Bentinho ingênuo e iludido, mas que chegando à fase adulta existe o desmoronamento das suas ilusões.

Aderaldo analisa os personagens e vê Capitu como ambiciosa e dissimulada, enquanto Bento é visto como um homem bom e por isso aberto para a dúvida e os ciúmes, quando seu ideal de mundo é abalado. Ou seja, quando Bento sai do mundo das ilusões para a realidade da vida ele perde a inocência e se abala.

Para Aderaldo Castello o que Machado faz é aprofundar na obra estudada a pesquisa psicológica em busca da verdade interior de cada indivíduo. Sendo essa verdade interior, seus ideais de vida, sua subjetividade e só podem ser reconhecidas ou objetivadas no momento em que se contrapõem ou se harmonizam com as verdades de outros.

1.4 AS ANÁLISES A PARTIR DOS ANOS 80 ATÉ A ATUALIDADE

Adentrando a década de 80 é possível falar sobre o ensaio de Alfredo Bosi *A Máscara e a fenda*, publicado em 1982. O importante a ser destacado é a questão do plano cuja finalidade é o casamento, como forma de ascender socialmente. Sendo assim, o pretendente ou a pretendente sempre aparecem em uma situação de classe social inferior e a sua salvação é o matrimônio com alguém de uma classe superior – o que acontece na obra *Dom Casmurro* – Capitu sendo de classe inferior que planeja casar-se com o aristocrata Bentinho.

A máscara nessa análise é usada por quem está em uma situação inferior e precisa conquistar seu pretendente para realizar a ascensão social, mas a máscara não permanece para sempre, então, depois de ter sido beneficiado em um determinado momento a máscara cairá e o outro sofrerá com uma ingratidão ou traição. Bosi também fala sobre a segunda natureza do corpo, o *status*, o que a pessoa aparenta ser: “a sociedade que se incrusta na vida”. (BOSI et al., 1982, p. 439). Essa segunda natureza é tão forte quanto a primeira, domina o homem e o faz viver segundo suas imposições.

Não devemos levar essas ideias de ascensão pelo matrimônio ou a segunda natureza como coisas horrendas, pois a ascensão pelo casamento na sociedade é muito natural e aparece em várias obras literárias. Na verdade, o que podemos visualizar é que todos possuem uma máscara social, uma segunda natureza, até Bentinho utilizou-se desta na hora de narrar. Machado somente revela a história humana, em que determinado momento o homem sai do seu estado de pureza e sinceridade para a máscara adulta.

Citando outro ponto da crítica de Bosi, no mesmo texto, ele diz: “Nos grandes romances, *Memórias Póstumas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, as instituições cardiais serão, ainda e sempre, o Matrimônio e o Patrimônio; e respectivamente, o Adultério e o Logro - do latim: *lucrum*” (*Id.*, *Ibid.*, p.441).

Sendo assim, Bosi acredita na utilização da máscara social por toda a sociedade, mas também afirma em Capitu a dissimulação, a desfaçatez no objetivo de ascensão social, tendo em vista que no século XIX o matrimônio possibilitava facilmente essa mudança de classe.

Outro crítico tratado é J. C. Garbuglio que também publicou no mesmo volume (1982) um artigo denominado *A linguagem política de Machado de Assis*. Texto que trata da influência da linguagem na obra de Machado. Como a linguagem influencia nas ações dos personagens, como estes se aproximam ou se distanciam uns dos outros por conta da

linguagem que carrega consigo certa ideologia e uma determinada postura diante das situações.

Falando da ópera do cantor Marcolini em *Dom Casmurro*, a ópera que teria sido criada por Deus e por Satanás explica a dualidade das coisas e também a dualidade do ser humano, sendo tudo metade bem e metade mal, acontecendo tal dualidade entre os homens e internamente em cada homem. Sendo assim, nem todo personagem é totalmente bom ou totalmente ruim.

Temos nessa análise a linguagem criadora do desencontro, problema fundamental para o homem Machadiano, pois esse desencontro instaurado no modo da articulação da linguagem é um prolongamento das relações sociais, possibilitando variadas formas de comunicação e também variados tipos de manobras para o entendimento ou não do receptor.

Pensando nessa articulação da linguagem, Garbuglio acredita que entre Capitu e Bentinho existiu um profundo desencontro, cujas articulações da linguagem só fizeram transparecer e alargar a distância manifestada desde cedo. Dessa forma, a linguagem dos dois é diferente, pelo fato de serem de classes sociais distintas e perceberem os acontecimentos de ângulos também diferentes. Capitu leva vantagem ao saber com mais clareza e objetividade o que realmente busca, podendo adequar a linguagem aos passos de sua escalada (quando consegue persuadir todos em alguns momentos que está com Bentinho), também se transformará em outra vítima dos desvios de linguagem que a própria colocou em prática para alcançar seu alvo (quando Bentinho pensa ser ela dissimulada pelo que fez). Por conseguinte torna-se vítima de suas próprias artimanhas.

De acordo com a análise acima Capitu teria utilizado a linguagem para esconder, a real intenção de dissimular e enganar Bentinho. Ela queria casar-se com ele para ascender socialmente, e sua linguagem era diferente de sua verdadeira vontade. Bosi também tratou desse tema como a utilização de uma máscara social ou natureza humana criada, como diz Raymundo Faoro, mas Garbuglio nos lembra também que a linguagem se realiza de acordo com as necessidades, sendo condicionada pelo narrador.

Bentinho, aos olhos de Garbuglio, possui uma linguagem transparente beirando a inocência e é sempre influenciado pela amiga de infância. Esse Bentinho que Garbuglio coloca é o adolescente não interessado no jogo de interesses ou valores. Mas com a evolução do romance nota-se uma mudança em Bentinho, quando ele se torna Casmurro, e conseqüentemente, não possui mais pureza e inocência.

Com a análise feita da diferença da linguagem de Bentinho e Capitu é possível entender porque essa linguagem os distancia aproximando-a de Escobar que segundo o crítico

tem a linguagem muito próxima da de Capitu. Ambos se parecem, pois os dois têm como objetivo a ascensão social. As vontades de ascender socialmente unem Capitu e Escobar, entretanto a ingenuidade de Bentinho e o seu não interesse por ascensão social, pois já possuía uma posição melhor que a dela, os afasta.

O interessante dessa crítica é a possibilidade de observar os dois lados possíveis da utilização da linguagem, a aproximação de Escobar e Capitu, a linguagem inocente de Bentinho, mas em um determinado momento a inocência é perdida e quando isso acontece transforma-se em Casmurro e por ironia, essa outra metade que narra a história, podendo apresentá-lo de uma forma doce e inocente.

Sendo assim, não se pode deixar de pensar no narrador, esse que constrói a linguagem propondo uma culpa ou inocência, detentor da possibilidade de manipular e condicionar a interpretação dos fatos. Dessa forma, o leitor é induzido a um julgamento equivocado, responsabilizando quem não devia, respondendo as expectativas do que o narrador quer, mas não conseguem alcançar o que teria acontecido, a não ser que esse leitor esteja a todo o momento atento aos detalhes e a estrutura da narrativa:

Esse poder de dupla traição se encontra em poder do narrador que manobra com forças suficientes para forjar a ilusão daquela realidade e mostra como tudo é feito da mesma capacidade de manipular o universo da prática, onde se subtrai o real para fazer emergir o aparente, capaz de condicionar a interpretação dos fatos. (GARBUGLIO, 1982, p.465).

No final de sua análise fica claro que a interpretação da linguagem orienta na leitura de *Dom Casmurro*, auxiliando a observar todos os detalhes, desde a linguagem dos personagens à narrativa contada, para que o leitor tire suas próprias conclusões.

Passando para outro ponto de vista, a obra tratada é a de Luis Filipe Ribeiro em seu livro *Mulheres de papel* de 1996. Ele analisa o panorama histórico do século XIX. Os costumes da época, a população do Rio de Janeiro, as relações de homens e mulheres e suas obrigações, na tentativa de explicar a narrativa machadiana.

O autor tenta explicar a mulher do século XIX, o papel dela na sociedade e as diferenças das mulheres de Machado de Assis, algumas a frente de sua época como Helena, Virgília, Sofia e Capitu. Esse romance que trata muitas vezes do feminino era escrito pelos homens para as mulheres lerem no século XIX. Essas têm papéis muito importantes dentro da obra machadiana e elas instigam o leitor a pensar, por meio da sua leitura, a sociedade da época.

Cada narrativa é realizada para atrair seus leitores e ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço, o que Machado conseguiu realizar, pois sua obra se renova a cada década e se encaixa tanto na sociedade do século XIX como na sociedade dos nossos dias. Dessa forma, o seu compendio literário, parafraseando Italo Calvino sobre os Clássicos (1993 p. 11-12), nunca disse tudo o que queria dizer e a cada leitura acontece uma nova descoberta observando todos os traços da cultura de sua época em comparação à atual, sendo esta sempre discutida e proporcionando novas críticas.

Na sua crítica, Ribeiro defende que o personagem mais curioso e intrigante é o narrador, este constrói todo o universo de imagens e cria o mundo imaginário para o leitor, tentando persuadi-lo de sua verdade. Santiago está contando sua vida baseado em sua memória, suas lembranças e de acordo com seu ponto de vista, sem a intromissão de nenhum outro personagem na sua história, contando como as coisas aconteceram. Assumindo a postura de dono da verdade. Desse modo, para uma avaliação adequada dessa narrativa é preciso observar cada artimanha usada por quem a conta.

Considerando a importância do narrador, o leitor também tem grande responsabilidade na sua leitura e interpretação. Machado exige um leitor crítico, capaz de examinar e discordar de ideias e fatos que não os convence. Tudo depende do ponto de vista de análise da obra: “O que fica patente, em seus romances, é que os seus narradores colocam, permanentemente, em dúvida as verdades de que possam ser portadores. Tudo dependerá do ponto de vista de que se observar o mundo narrado,” (RIBEIRO, 1996, p. 239).

Falando sobre ponto de vista, analisemos a hipótese bastante aceita de Luis Filipe Ribeiro. Ele acredita que tudo no romance machadiano depende do ponto de vista. Logo, os romances *Memórias Póstumas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba* são a mesma história, narradas de pontos de vista diferentes. Ribeiro reelabora a tese dos triângulos amorosos em Machado destacada em 1964 por Augusto Meyer. Os três romances falam de triângulos amorosos sendo esses concretizados ou não.

A teoria dos triângulos amorosos machadianos é válida e possibilita novas formas de análise de cada livro, comparando-os entre si, ou mesmo com outras publicações do próprio Machado, ou outros escritores. Essa questão do triângulo amoroso será abordada de maneira mais detalhada no próximo capítulo.

Estudaremos neste momento outra obra de Alfredo Bosi, *Machado de Assis O Enigma do Olhar* publicada em 1999. Bosi continua com a tese da segunda natureza do homem, porém amplia a discussão sobre o narrador. Este introspectivo que vai confessando-se ao

leitor contando suas fraquezas, tentações, medos e superstições, mas tudo de maneira racional, pensado. Apresenta-se na história um narrador trapaceiro, capaz de iludir e enganar quem o lê.

Bosi fala sobre o foco explícito narrativo, hipótese derivada do livro de Caldwell, segundo essa teoria: “não corresponderia ao verdadeiro olhar do autor e assumiria o papel de narrador trapaceiro capaz de confundir o leitor, dizendo, ou sugerindo o que o autor não diria, pensando o que o autor não pensaria e omitindo as reais intenções do criador.” (Bosi, 2000, p. 38).

Essa hipótese torna nosso narrador indigno de confiança como já foi dito nos parágrafos anteriores, logo, a narrativa nos mostra um narrador vacilante, vulnerável, temeroso, tímido, apaixonado pela mocinha. Ele casa-se e tem alguns anos de felicidade conjugal, mas seu ciúmes e desejos de vingança acabam com a história de amor. O ciúme exagerado de Bento o fez acreditar que Capitu o traia. Esse sentimento transformou o doce Bentinho em Casmurro.

Por isso, o romance é melancólico, de amor frustrado, amor tão sonhado e desejado, mas por causa da imaginação humana, dos sentimentos e sensações tenebrosas acabou de maneira trágica ocasionando infelicidade para ambos os lados.

Tal discussão sobre o narrador é muito enriquecedora para a interpretação da obra, porque o narrador é o responsável pela movimentação do imaginário do leitor. Devemos ter sempre em mente a questão da narrativa de *Dom Casmurro* ser em primeira pessoa e só quem a conta ter voz, nenhum outro personagem pode defender-se na história. Então o leitor está fadado a ler nas entrelinhas e perceber os jogos narrativos do romance para uma análise mais ampla.

Finalizando este estudo da crítica, a última análise a ser comentada é a de Marta de Senna. Na sua visão temos dois pontos importantes a serem destacados.

O primeiro, é a continuação da questão do narrador embusteiro Dom Casmurro. Em sua interpretação, Senna aponta variados detalhes que “condiciona o olhar do leitor a ver o que não é, a não ver o que é,” (SENNA, 2008, p.79). Convencendo-nos sobre a capacidade do narrador de ludibriar o leitor.

O livro *Dom Casmurro* é repleto de figuras, de intertextualidade com obras de Shakespeare que retratam alguma tragédia como *Macbeth*, *Hamlet* e *Otelo*. As próprias figuras históricas na sala do Engenho Novo são personagens que morreram vítimas de traição, César, Augusto e Nero, porém o Massinissa não fora traído por sua mulher, da mesma forma que Desdêmona morre inocente, sem ter traído seu marido, que abre a possibilidade de Capitu ser igualmente inocente. Outra artimanha, descreve-se como “homem calado e metido

consigo” (cap.1, p.809) – que é o que não é, pois é o único dono da voz nesse romance onde Capitu é implacavelmente silenciada,” (SENNA, 1998, p. 79). Assim, percebemos muitas referências de outros textos as quais serão sempre significativas, ajudando o narrador a contar sua história e a brincar com o leitor.

O segundo ponto é a proposta de procurar em *Hamlet* a aproximação com *Dom Casmurro*. A tragédia de *Hamlet* é representada pela contraposição da razão e da loucura, e quando o protagonista Hamlet fica supostamente louco, uma das razões dadas para sua insanidade é o amor. Na realidade não é essa a causa, porém essa loucura de Hamlet o aproximaria de Casmurro.

Falamos dessa aproximação entre os dois, pois também está em Bento, há variação entre a razão e a loucura. Pela proposta de Senna podemos compreender e concordar com a ideia: “Se entendermos a loucura como perda das capacidades racionais ou como falência do controle voluntário sobre as paixões, creio que podemos demonstrar a loucura de Bento/Dom Casmurro, personagem e narrador de si mesmo,” (SENNA, 1998, p.101). Vemos que realmente faz sentido toda a loucura de Bento, pois ele não consegue controlar suas emoções, suas dúvidas e seus sentimentos, possui uma idéia fixa e nada muda esse pensamento. Definiremos esse tormento da alma com a seguinte citação:

Do discurso lúcido de Dom Casmurro, o autor-modelo faz emergir, indisfarçável, a loucura oblíqua e dissimulada de uma personagem que não consegue atar as duas pontas da vida, logrando, ao invés disso, compor a narrativa que atestará, em definitivo, a sua insanidade.(SENNA, 1998, p. 103).

Logo, percebemos a loucura de Bento representando um tipo de patologia humana, uma obsessão, esse *pathos* gerará o ciúme, a ideia fixa de ter sido traído e enganado. Essa doença na alma leva-o a escrever sobre a mulher que fora a razão de toda sua história de vida.

Depois deste estudo realizado sobre a trajetória da crítica de *Dom Casmurro*, podemos definir dois momentos importantes do percurso. O primeiro são as interpretações até o ano de 1960, as quais tratam o romance apenas sob o olhar da traição de Capitu para com Bentinho, analisando essa personagem como culpado e seu marido como um rapaz enganado.

Temos como característica do primeiro momento o foco da análise nos personagens ignorando o narrador e a narrativa.

O segundo momento, definimos como sendo depois da crítica revolucionária de Caldwell, pois a partir dos estudos desta é que os críticos brasileiros começaram a repensar a obra de outra maneira, focando no narrador e em como ele construiu a narrativa, observando

também as temáticas predominantes na obra como o triângulo amoroso, a realidade e o imaginário, o ciúme sempre presente e o diálogo com outras obras.

Logo, definimos esses dois momentos por considerar a crítica de Caldwell como ponto chave para o estudo da obra tratada, pois antes dela o estudo era muito limitado a apenas uma temática, e depois passamos a observar novas temáticas, revisões e transformações mais ricas de conteúdo e de análises. Ela aprofundou os estudos da obra, analisando cada personagem em particular, suas personalidades, suas contribuições para a narrativa, voltando seu olhar para Bento e não mais acusando Capitu. Destaca também a presença do narrador que deve ser observado e a intertextualidade com *Otelo* de Shakespeare. Ela mostrou para os críticos brasileiros as novas possibilidades de análises a partir do conjunto de citações indiciárias, inseridas ao longo dos romances.

Em virtude do que foi mencionado, podemos constatar que as variadas interpretações dadas ao romance aqui discutido auxiliaram os leitores e pesquisadores a traçarem as temáticas predominantes na obra, de acordo, com cada ponto de vista. Foi possível mostrar que durante um tempo a crítica ocupou-se em provar ou não a traição. Posteriormente, começou a praticar uma leitura observadora, atenta ao narrador e aos detalhes da narrativa para, enfim tirar conclusões, visualizando outras temáticas e possíveis novas formas de análise que a obra, como todo clássico, convida.

2. A TEMÁTICA DO TRIÂNGULO AMOROSO NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Neste capítulo, abordaremos a questão do triângulo amoroso na obra de Machado de Assis, mais especificamente nos contos “Singular Ocorrência”, “A causa secreta”, “A cartomante” e “Missa do galo”, dialogando com seu romance *Dom Casmurro* que possui a relação mais famosa da literatura brasileira. Mostraremos como os contos já possuem características dos romances na obra de Machado e realizaremos um breve estudo sobre esse tema em comum nos três contos citados e no romance.

2.1 O TRIÂNGULO AMOROSO NA LITERATURA MUNDIAL

Antes de começarmos as análises dos contos, mostraremos como foi discutida essa temática na obra de Machado de Assis e como esse assunto aparece na literatura mundial e como ele está presente desde muitos anos no imaginário de escritores e leitores.

O triângulo amoroso é uma prática conhecida na sociedade ocidental desde que o homem passou a conviver em sociedade e começou a criar vínculos emocionais ou afetivos. Como prática corriqueira do homem social, a literatura tem retratado esse tipo de comportamento desde a antiguidade. De forma muito sucinta, destaquemos três grandes exemplos de triângulos amorosos em narrativas épico-folclóricas.

Talvez o casal mais antigo da literatura que passou por esta situação de dividir o ser amado com outro tenha aparecido eu no poema épico *Ilíada* de Homero do século VIII a.C.

Nesta obra temos o acontecimento da guerra de Tróia que se deu quando os aqueus (gregos) atacaram os troianos, para vingar o rapto de Helena – casada com Menelau, rei de Esparta. Helena teria se apaixonado por Páris e fugira com ele para Tróia deixando enfurecido seu marido. Outro trio a ser citado na mesma obra é a relação de Aquiles e Briseida interrompida por Agamémnom quando este a toma do herói grego, despertando nele grande ira.

Na *Bíblia Sagrada* também visualizamos a temática aqui estudada. O livro de 2 de Samuel capítulo 11 versículos de 1 a 27, conta-nos uma história cujo rei interessado em uma mulher, manda chamá-la e envolve-se amorosamente com ela, mesmo sabendo de seu matrimônio e quem era seu marido. Assim, tendo o interesse de permanecer com a mulher – Bate-Seba³ – o rei Davi usou de sua autoridade e enviou o marido – Urias – para que morresse na frente de batalha, na guerra. Com a morte de Urias passado o luto, Davi mandou buscar a mulher e casou-se com ela. Ou seja, o rei deixou-se levar pela beleza de uma mulher, sendo seu amante e mandou o marido para a morte para possuí-la para sempre.

Na Idade Média, a mais famosa trama envolve as Cruzadas. Rei Arthur, Guiniviere e seu grande amigo Lancelot se veem à roda destas armadilhas provocadas pelos sentimentos humanos – mesmo entre seres mais elevados.

Observando as histórias acima, percebemos o quanto são antigas as relações extraconjugais, ou o triângulo amoroso como ele torna-se uma trama narrativa instigante.

³ Na versão utilizada na monografia o nome e escrito da forma apresentada, porém pode-se encontrar também Bate-seba.

Aproximando-se da atualidade, no século XIX, temos outro exemplo de relação extraconjugal causando muita curiosidade e importância para o estudo da insatisfação e do tédio vivido pela personagem. Essa personagem é Emma narrada na obra de Gustave Flaubert intitulada *Madame Bovary* de 1857.

Emma Bovary é uma mulher sonhadora que casa-se com um médico medíocre, Charles Bovary, insatisfeita com seu companheiro e com a rotina da vida começa a buscar em outros homens a realização de seus sonhos ou fantasias. A cada nova busca uma traição e a formação de uma relação fora do casamento.

Emma como uma personagem leitora queria viver um mundo de sonhos, de heroínas, de ilusões, queria um amor arrebatador, e em busca desse sentimento e de uma vida menos pacata, traía seu marido. Mas essa insatisfação com a vida levou-a a morte.

Citamos esse romance, pois, é uma clássica história de infidelidade, de triângulos amorosos, de adultérios que pode preparar nossa alma para os contos e romances de Machado. Outro fator é a questão da mulher à frente de sua época e que Machado também aborda e que caracteriza como Capitu, umas das mais importantes personagens femininas machadianas (se não for a mais completa).

Com as obras acima conseguimos demonstrar, de forma muito sucinta, o quanto é antiga e corrente a questão do triângulo amoroso que nos envolve enquanto leitores curiosos e ainda nos leva a estabelecer ligações, com o adultério, com o matrimônio, a infidelidade, o ciúme e os amores frustrados. O triângulo amoroso, ao longo da história (literária) resultou sentimentos contraditórios, tramas envolventes e até grandes tragédias.

2.2 O TRIÂNGULO AMOROSO NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

O triângulo amoroso na obra de Machado de Assis é uma temática corrente, tanto em seus contos como em seus romances. O romance que representa de maneira enfática esse tema é o romance de *Dom Casmurro*, mas a partir dele podemos dialogar com os demais livros e contos que tratam do mesmo assunto.

A ideia de diálogo e temáticas entre o romance em questão e os contos, analisando o triângulo amoroso como ponto de ligação principal entre eles, observando também o amor, o ciúme, a dúvida e os demais sentimentos humanos, nasce com a leitura e análise do livro *Mulheres de Papel* de Luis Filipe Ribeiro. Ele discute os grandes romances de Machado de

Assis e a partir desses estudos ele defende que *Memórias Póstumas, Quincas Borba e Dom Casmurro* são as mesmas histórias narradas por diferentes narradores e possuem a mesma temática:

Dom Casmurro e Quincas Borba, escritos em 1899 e 1891, respectivamente, compõem com as Memórias Póstumas de Brás Cubas uma trilogia, ainda que assim não fossem assumidos por Machado de Assis. Mas, tanto pela temática, quanto pela arquitetura da narrativa, estes livros aparentam-se inequivocamente. Nos três, tudo gira em torno da temática do casamento e do adultério. Em dois deles cruzam-se personagens comuns; em todos, a unidade de concepção é evidente. (RIBEIRO, 1996, p. 297)

Assim, no romance *Dom Casmurro*, temos o casamento e a infidelidade narrados pelo ponto de vista do marido ciumento, muitos anos depois do provável adultério. Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o mesmo tema é narrado pelo amante e também longe da época em que ocorreram os acontecimentos. No *Quincas Borba* temos o casamento e um “quase” adultério, pois Rubião foi envolvido por Sofia. Esse triângulo amoroso é diferente dos outros livros comparados, pois nessa narrativa Palha, marido de Sofia, entrega a mulher nos braços de outro, mas tudo não passa de encenação para roubar-lhe o dinheiro. Palha sabe que a mulher não se entregará a outro, mas ela pode fingir para o outro interesse, para que ele se apaixone e faça tudo o que o casal deseja o que de fato acontece. Rubião acaba perdendo tudo para Sofia e seu marido.

Com as comparações de temáticas que Luís Filipe Ribeiro realiza nas três obras citadas, começaremos a analisar também os contos que dialogam com *Dom Casmurro*, melhor dizendo, que possuem a mesma temática do triângulo amoroso na obra de Machado de Assis.

Observando estas histórias poderemos analisar o romance *Dom Casmurro* e mostrar como os contos machadianos abriram terreno para a publicação, repercussão e consagração dos seus grandes romances. Pois eles já falam do comportamento e sentimentos dos personagens, essência dos grandes romances.

2.2.1 Singular Ocorrência – Traição em vida, fidelidade após a morte

Para começar a análise tratemos, em primeiro lugar, do conto publicado no livro *Histórias sem data*, em 1884, denominado *Singular Ocorrência*.

Esse conto narra a história de uma mulher da “vida” que se apaixonou por um homem já casado, chamado Andrade. A paixão é correspondida e os dois passam a se encontrar com regularidade. Marocas, a mulher de vida fácil, abandona esse modo de viver para ser unicamente de Andrade, ele, porém, continua com sua primeira família. O sentimento dos dois cresce. Ele a ensina a ler e pretende dar-lhe uma casa. Mas, Marocas sai com um qualquer e sendo descoberta, a traição resulta no término do relacionamento.

Algum tempo depois, Andrade a aceita de volta e ela lhe promete fidelidade eterna. O filho, fruto do amor, morre aos dois anos de idade e o pai também falece pouco tempo depois. Marocas cumpre a promessa de fidelidade mesmo após a morte de seu amante.

O conto é narrado em terceira pessoa, por um narrador-personagem, este é amigo do casal e conta a história para outro colega. A narrativa começa pelo final quando o narrador avista D. Maria e começa a relatar sua história de vida.

A narrativa é composta por dois triângulos amorosos, o primeiro formado pelo casal Marocas e Andrade, pois ela é amante dele que possuía uma esposa. E no desenrolar da história ela o traiu com Leandro. Porém, a infidelidade foi apenas por uma noite, talvez possamos falar em uma pequena transgressão. Mas falando em infidelidade e transgressão, segundo Antonio Candido (1970, p. 33) é impossível classificar ou mesmo julgar o ocorrido em infidelidade ou transgressão. Acreditamos na transgressão de um momento solitário, de uma amante de um homem casado e que outrora levava uma “vida fácil, e talvez ficou com aquele homem por acreditar que nunca descobririam, porém o destino e a vida o levaram ao encontro de quem não deveria, Andrade.

Voltando ao relacionamento do casal, ele a perdoa depois de ver o sincero sofrimento da mulher. Reatando os laços do amor ela lhe é, ironicamente, fiel mesmo depois da morte do advogado, como se fosse sua esposa oficial, cumprindo até o luto.

Na construção da narrativa percebemos que o rapaz ouvinte da história acha um pouco absurda e parece não acreditar no narrador dizendo: “Realmente há ocorrências bem singulares, se o senhor não abusou da minha ingenuidade de rapaz para imaginar um romance...” (ASSIS, 2008, p.133). Ele duvida dessa singular ocorrência, como nós leitores também duvidamos da narrativa de Dom Casmurro.

Percebemos que, em momento algum, o narrador utiliza-se de uma nomenclatura clara para dizer que Marocas não era uma “moça direita”, mas diz que não tem profissão, compara com a mulher de Andrade, reparando na outra a doçura, a educação e em Marocas a questão de não saber ler. Para deixar explicado o ofício da moça ele cita *A Dama das Camélias* escrito na metade do século XIX por Alexandre Dumas Filho que conta a história de uma famosa

cortesã francesa que se apaixona por um homem e larga tudo para viver esse amor impossível. Assim, também fez Marocas largou seus namorados, os presentes e pretendentes para ser somente de Andrade.

Singular ocorrência possibilita um estudo sobre as relações humanas, sobre o perdão, a fidelidade, os sentimentos de cada ser humano e o que é preciso fazer para lidar com ele e ser feliz. Porém não nos permite julgar nem um dos personagens, somente visualizar suas vidas, contradições e, quem sabe, também duvidar desse narrador.

Entre *Singular Ocorrência* e *Dom Casmurro* podemos observar a mesma temática, porém naquele temos uma infidelidade acontecida e relatada, nas duas histórias há dois personagens advogados e dois narradores passíveis de dúvidas. Um, por ser em primeira pessoa promove confissões e dissimulações por parte do narrador. O outro, por contar uma história singular de outrem gera desconfiança para o personagem que escuta a narrativa. Ao leitor, resta o riso desconfortável diante das contradições humanas.

2.2.2 A Cartomante – O triângulo concretizado e a crença no sobrenatural

Continuando o estudo, analisemos outro conto publicado primeiramente em 1884 *A Cartomante* que fora acrescentado ao livro *Várias Histórias*, publicado no ano de 1896.

O conto *A Cartomante* começa apresentando ao leitor um diálogo entre os personagens, Rita e Camilo, cuja conversa gira em torno de uma visita que Rita fizera a uma cartomante. Rita acredita na adivinha, porém Camilo não acredita em sua crença, nesse mundo invisível, paralelo ao humano. Pois, Camilo é um homem apegado à racionalidade. No decorrer da narrativa podemos perceber que o caso é de uma traição. Os amantes encontram-se às escondidas em locais secretos, com todo cuidado para que ninguém os veja. A consulta da mulher visa a segurança dos adúlteros.

Camilo é amigo de infância de Villela marido de Rita, formando assim, o triângulo amoroso. Villela fora para o Rio e voltara casado com Rita, moça que causou a admiração de Camilo por sua beleza. A amizade dos três foi tornando-se mais estreita e proporcionando o nascimento da paixão entre Camilo e Rita. Na relação dos dois tudo corria bem até o momento que Camilo recebe uma carta anônima informando-o sobre o conhecimento de todos do adultério cometido entre ele e Rita. Então, com medo de Villela descobrir a traição passa a

frequentar menos a casa do casal e propõe a Rita uma breve separação para tentar encobrir as suspeitas.

No auge da angústia do casal, Camilo recebe um bilhete de Villela pedindo que ele compareça urgentemente a sua casa. Aquele sai do trabalho angustiado e começa a pensar no que deseja o amigo, pensando na possibilidade de ele ter descoberto a traição. No caminho, pensativo e aflito, decide ele mesmo consultar a cartomante. Chegando à Cartomante fica impressionado quando a mulher adivinha seus problemas e a situação vivida naquele momento. Tranquilizado pelas palavras da adivinha o antes racional amante segue tranquilo à casa do casal, chegando lá Villela o recebe, leva-o a sala, onde depara-se com Rita morta, sendo também morto com dois tiros.

Na estrutura do conto percebemos uma narrativa em *in media res*, pois o narrador começa de um momento pontual no interior do conto para introduzir a narrativa. O momento escolhido é quando Rita vai à cartomante e conta a Camilo onde fora, ação decisiva no conto, pois a cartomante que definirá todo o final da história. Além de ser um trecho importante para a narrativa, esse estilo produz no leitor certa curiosidade para descobrir os demais acontecimentos.

Temos no conto um narrador em terceira pessoa, onisciente que relata os fatos a todo o momento, contando o estado dos personagens e mantendo dessa maneira o leitor atento para os acontecimentos relatados e usando da sua onisciência para entrar, dialogar com o leitor e se intrometer na narrativa, como na seguinte citação: “E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; (...)”. (ASSIS, 2008, p.164).

Passando para outro ponto da narrativa, logo no começo do conto, o narrador nos remete a pensar na tragédia de Hamlet ao citá-lo, pois Hamlet não foi feliz e aconteceram muitas fatalidades em sua história, e suas fatalidades começam a acontecer desde o momento em que ele viu seu pai pedir vingança por sua morte, ou seja, desde quando o fantasma anuncia um possível triângulo amoroso entre o defunto Rei, a Rainha e seu irmão – que teria usurpado o trono⁴. Com a citação de *Hamlet* começa o conto “Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”, (SHAKESPEARE, 2010, p.75) já coloca no conto certo misticismo, mistério que o leitor pensa existir até o final. Mas, o personagem Camilo também

⁴ Parte destas observações sobre os contos machadianos devo ao Prof. Augusto Rodrigues. Em discussões dialógicas Machado e seus modos de aliar o folhetinesco e o mais ardioloso dos narradores, encontramos sua análise das contradições humanas, dos modos de ser e estar no Brasil do Século XIX. Estas teses foram desenvolvidas ao longo das aulas de Realismo, no Primeiro Semestre de 2011 – das quais participei como monitora.

tem um final triste por acreditar nas palavras da cartomante, como Hamlet por acreditar no fantasma sofre bastante, mesmo o fantasma tendo-o contado a verdade.

Ainda falando sobre a citação de Hamlet na narrativa percebemos a intertextualidade no conto presente também nas obras de Machado de Assis com as obras de Shakespeare, pois podemos também relacionar essa mesma obra com *Macbeth* (SHAKESPEARE, 2010), pois Macbeth também acreditou em uma sibila, em algo sobrenatural e por fim também não foi feliz.

No conto podemos perceber que a Cartomante possui um poder de persuasão muito grande, seu discurso é convincente, envolvente ao ponto de convencer seu receptor da verdade contada por ela. No primeiro momento convence Rita, não a consideremos muito, pois já acreditava no sobrenatural, na Cartomante. Porém seu discurso convence Camilo, ele que num primeiro momento era tão cético quanto às verdades contadas pela adivinha, é convencido facilmente por seu discurso. Como podemos perceber nas primeiras frases ditas por ela, mesmo antes dele dizer alguma coisa: “[...] Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo. – E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...”, (ASSIS, 2008, p. 171).

Sendo assim, mesmo antes de dizer o que acontecerá, Camilo prontamente acreditava na mulher. O desespero o fez deixar a racionalidade e o ceticismo de lado para acreditar no que antes considerava ilusão, pois, talvez se ele acreditasse nas palavras ditas pela Cartomante fosse salvo pelo sobrenatural, pelo destino.

Comparando esse poder de persuasão da Cartomante, podemos visualizar que no romance *Dom Casmurro* também possuímos um personagem com um imenso poder de persuasão, no caso, o próprio narrador Bento ou Dom Casmurro.

Dom Casmurro na sua narração, tenta persuadir seu leitor todo tempo de sua verdade, ele elabora seu discurso com o objetivo de envolver e convencer, e muitas das vezes ele realmente convence o leitor. Ele tem esse grande poder de convencimento, do domínio do discurso, da arte do conhecimento, pois sua profissão o formou para convencer as pessoas do que ele acredita. Escreve um verdadeiro tratado de acusação e defesa. A mesma intimidade possuída por Casmurro pela linguagem por ser um advogado, pertence a cartomante, ambos vivem do seu poder de utilização da linguagem para persuadir seu receptor.

Temos no conto a representação de um triângulo amoroso concretizado, uma infidelidade conjugal e a partir dessa temática, Machado de Assis discute a condição humana da fé e do ceticismo. A visão da condição humana diante de um destino imposto e que muitas vezes não pode ser mudado, como o de Rita e Camilo, pois mesmo recorrendo ao sobrenatural

nada os salvou da fúria de um homem traído. Temos também a representação dos próprios sentimentos humanos, o amor, o medo, a angústia, a perda, a ira do marido traído que mata a esposa e o amante efetuando dessa maneira sua vingança. O folhetim como sistema de investigação dos destinos e contradições humanas.

A *Cartomante* dialoga com *Dom Casmurro*, por se tratar de um triângulo amoroso, possuindo um personagem com um grande poder de persuasão, elaborando uma intertextualidade com a obra de Shakespeare, pela citação direta e mostrando, de maneira dialógica, como a morte e a vingança da traição podem tornar-se alimentos para a dúvida e as fragilidades do ser. Casmurro, somente pela dúvida propõe uma morte para Capitu, não carnal, mas social, e mostra-nos toda a representação dos sentimentos humanos.

2.2.3 A causa secreta – O amor não revelado e a crueldade humana

Outro conto de grande destaque na temática do triângulo amoroso é “A Causa Secreta”, também publicado no livro *Várias histórias* de 1896.

“A Causa Secreta” narra a história de um homem peculiar, Fortunato, seu amigo Garcia e sua esposa Maria Luísa. Fortunato e Garcia se conhecem ao ajudar um homem ferido. Nessa época, Garcia era um estudante de medicina e Fortunato um homem rico, solteiro e de meia idade. Algum tempo depois, Fortunato encontra-se com o antigo amigo agora formado em medicina e o convida para ir a sua casa. Fortunato também com a novidade de ter se casado com Maria Luísa, moça doce e bonita que chamara bastante a atenção de Garcia. Os dois abrem uma casa de saúde onde Fortunato fornece todos os recursos necessários e se ocupa em cuidar de maneira surpreendente dos enfermos. Garcia torna-se mais amigo dos dois e então começa toda a causa secreta do conto.

Esse conto começa no estilo *in media res* como o anterior e é narrado em terceira pessoa. Começa minutos depois do momento mais importante da trama que relatava o pavor de Maria Luísa diante da cena que o marido Fortunato torturava um rato. A cena retrata o quanto ele sentia prazer ao observar a dor. Então, a história começa a ser contada depois desse ocorrido, com eles sentados sem dizer uma palavra.

Percebemos nesse conto uma capacidade de tratar a narração utilizando a rapidez⁵. Machado consegue condensar toda a narrativa, ser entendido e surpreender em pouquíssimas páginas, seu poder de síntese é satisfatório tanto em seus contos como nos romances – com seus capítulos fragmentados.

Muitos aspectos chamam a atenção do leitor começando pelas características de cada personagem, pois, Garcia é um homem observador, capaz de captar os segredos da alma humana: “Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo” (ASSIS, 2002, p.34).

Com essa capacidade de observação ele percebera em Fortunato um homem frio capaz de se satisfazer com o sofrimento, a dor do outro, o prazer de Fortunato era ver o desespero o sofrimento. Mais um homem peculiar da galeria machadiana e comparado pelo narrador a Calígula, pois ele fora um imperador romano conhecido por ter sido cruel. O médico tinha uma crueldade prática na alma.

Em contraposição a esse homem tão frio temos a figura de sua mulher Maria Luísa, doce “[...]esbelta, airosa, olhos meigos e submissos” (*Id.,Ibd.,p.45*), ou seja, duas figuras completamente diferentes. Por serem tão diferentes ela sofria e aparentava um pouco de medo, ou como diz o texto “[...] da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor” (*Id.,Ibd.,p.45*). Esse jeito doce de Maria Luísa fizera Garcia apaixonar-se por ela, porém um amor guardado e nunca revelado embora ela soubesse, mas nunca o deixou demonstrar, mas certamente correspondia. Maria Luísa é fraca, doente, não resiste e morre, mesmo com toda dedicação de seu marido, que a ama de sua forma.

Diante de tudo o que foi discutido fica certamente no ar a questão principal: qual seria a causa secreta? O narrador nos leva a supor na crueldade de Fortunato, pois no texto temos a seguinte passagem: “Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem”. (ASSIS, 2002, p. 45-46). Mas na verdade a causa secreta não é esse fato, mas sim o amor de Garcia por Maria Luísa o que o faz permanecer próximo a esse homem cruel, observando e cuidando dessa mulher. Sendo assim, temos a formação de mais um triângulo amoroso na obra de

⁵ Termo utilizado por Ítalo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio* (2008), em que trata da rapidez da concisão, da objetividade do texto de uma maneira positiva se bem aplicada.

Machado de Assis, nesse caso, um triângulo não concretizado, um amor escondido e revelado em um beijo da morte.

A maior crueldade constatada seria o sofrimento de Garcia e de Maria Luísa, ambos apaixonados, mas não realizaram seu amor, pois tinham medo de um homem que se satisfazia com o sofrimento do outro. Para Fortunato, um momento de muito prazer, depois da descoberta do amigo amar sua esposa, foi observar o choro agonizante de Garcia após ter beijado a testa de Maria Luísa.

Utilizando as palavras de Antonio Candido para concluir esse prazer sentido por Fortunato no sofrimento de Garcia:

Não é difícil ver que, além de tudo o que vem no plano ostensivo, este sádico transformou virtualmente a mulher e o amigo num par amoroso inibido pelo escrúpulo, e com isto sofrendo constantemente; e que ambos se tornam o instrumento supremo do seu prazer monstruoso, da sua atitude de manipulação de que o rato é o símbolo. “Of mice and men”, poderíamos dizer com um pouco de humor negro, para indicar que o homem, transformado em instrumento do homem, cai praticamente no nível do animal violentado. (CANDIDO,1995,p. 37)

Fortunato mostra a contraposição do público e do privado, pois mesmo privatamente ele tendo essa posição de torturar o rato, esse apreço pelo sofrimento. Socialmente, ou em público ele age como uma pessoa normal, merecedora do respeito coletivo. Já nos mostra também a relação da verdadeira natureza humana e a natureza que a sociedade nos obriga a ter, ou como diz Bosi (1982) à utilização das máscaras sociais. Somente como um breve comentário o conto nos mostra a questão da herança, pois Fortunato vivia de renda, era rico e em nenhum momento foi falado em emprego.

Comparando o conto com o romance *Dom Casmurro*, o fato é que Fortunato vê Garcia beijando a mulher e desconfia, sente-se enganado, pois acredita em um adultério, ele não sente ciúmes e vê mais uma possibilidade de “estudo, no romance a desconfiança se instala em Bento também em uma cena muito parecida, quando Capitu está à beira da urna de Escobar despedindo-se, porém Bento se enche de ciúmes ao observar aquela cena. E naquele momento o mal se instala em seu ser.

2.2.4 A Missa do Galo – A narrativa memorialista

Continuando nosso estudo dos contos que tratam da temática do triângulo amoroso, analisaremos um último conto “A Missa do Galo”, publicado no livro *Páginas Recolhidas* em 1899.

O conto *A Missa do Galo* é narrado em primeira pessoa, ou seja, o narrador é um narrador-personagem, sendo assim, devemos prestar bastante atenção na maneira narrada e nas pistas fornecidas. O narrador desse conto começa a narrá-lo na fase adulta uma história acontecida na sua adolescência, utilizando-se de sua memória e impressões.

O Senhor Nogueira vai nos contar a história de quando ele tinha 17 anos. Para estudar, morava na casa do escrivão Meneses e ia para casa nas férias, nesse ano permaneceu na Corte por mais uns dias para assistir à Missa do Galo, noite em que vai se passar toda a história. O escrivão era casado com uma mulher muito correta chamada Conceição, porém ele tinha uma amante e esse caso era de conhecimento de todos, inclusive de Conceição que aceitava sem nada reclamar. Na noite de Natal Meneses foi a um de seus encontros, então Conceição decide se vingar do marido. Assim, na noite de Natal acontece o encontro com o jovem Nogueira. Conceição se insinua por gestos, atitudes, roupas, parecendo querer seduzir o jovem. Porém nada de concreto acontece entre eles. No ano seguinte, o escrivão Meneses morre e Conceição casa-se novamente com o escrevente juramentado do marido.

Este narrador em primeira pessoa vai relatar o fato dessa noite de Natal. Noite particular que de certa maneira marcou sua vida, pois ele era um adolescente fascinado por aquele momento tão sensual.

Nesse conto temos a presença de dois triângulos amorosos, um real, concretizado, sendo este, o de Meneses e sua amante e temos uma mulher traída e talvez ressentida, mas que em momento algum mostrava qualquer tipo de desacordo com as atitudes do marido. Pelo contrário, aceitava todas as atitudes dele com resignação e era sempre muito gentil, passiva e não guardava rancores. Porém mesmo possuindo essa natureza tão compreensiva e representando de certa forma a mulher do século XIX, sempre submissa ao marido, que não podia se separar e nada fazer com os casos do marido fora do casamento, talvez naquela noite de Natal ela estivesse disposta a viver uma aventura e experimentar algo diferente fora do casamento.

Sendo assim, as atitudes da Conceição, que todos conheciam são totalmente diferentes das relatadas pelo Nogueira da noite de Natal. Pois, na noite de Natal, ela estava sensual,

utilizando-se de gestos, olhares, mudanças de lugar, poses, assuntos para seduzir o rapaz que de fato se sentiu bastante envolvido: “[...] Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos”, (ASSIS, 2008, p.202).

No trecho acima Conceição estava completamente diferente da mulher de gestos lentos e tranqüilos. Em determinado momento, porém ela volta a si e age como sempre agira sem nada mais sério acontecer.

As atitudes de Conceição além de nos mostrar a diferença de suas ações dentro do espaço público e do espaço privado, também levanta a questão da sensualidade dentro da obra de Machado de Assis, observada também em algumas mulheres de papel dos grandes romances machadianos como Capitu.

Essa questão da sensualidade é bastante discutida em um ensaio de Augusto Meyer “Da sensualidade na obra de Machado de Assis” (1948). Neste trabalho ele trata da sensualidade e do poder feminino. Ele fala dos braços como um agente a favor da mulher para a sedução, dessa forma ele fala dos lindos braços de Capitu causavam ciúmes em Bentinho e os braços de Conceição que seduziam o rapaz na sua adolescência cujos apelos da carne são enormes. Ele compara essa sedução com outro conto denominado “Os braços”, mas que também trata dessa sedução feminina tão envolvente:

“Uns braços” e “A Missa do galo”. São duas variações sobre o mesmo tema- a perturbadora revelação do amor na adolescência, o primeiro apelo da carne e do sexo, e, dentro das cambiantes acidentais ou anedóticas, o mesmo caso, em resumo, foi tratado com as mesmas tintas.

Machado mal deixa entrever a sua sensualidade, mais ou menos como a Conceição da *Missa do galo*: D. Conceição mostra apenas metade dos braços, metade porém, mais nua do que inteira nudez(...) Além disso, Conceição magra embora, tinha “ não sei que balanço no andar, como que lhe custa levar o corpo”. (MEYER, 1948, p.44)

Os braços são de tamanha importância para a sedução, pois com apenas um pouco dos braços mostrados Conceição já seduziu o garoto, outros detalhes como o olhar, a dissimulação também são importantes para a sedução. Mas na obra de Machado os braços têm tamanha importância que no romance *Dom Casmurro* eles têm um capítulo só para eles.

Sendo assim, temos no conto o triângulo amoroso, a sensualidade da mulher machadiana que aproxima *Dom Casmurro* e a *Missa do galo* e também o narrador em primeira pessoa contando uma noite que marcou sua vida pregressa.

Olhando para esse narrador, seria possível ele ter confundido uma simples conversa com uma tentativa de seduzi-lo, afinal, adolescentes cometem esses erros e o narrador em primeira pessoa de Machado sempre nos deixa em dúvida.

2.3 A TEMÁTICA DO TRIÂNGULO AMOROSO NOS CONTOS E NO ROMANCE

Percebemos na história dos triângulos amorosos que essa temática é bastante antiga e desperta no leitor curiosidade e vontade de saber o desfecho dessa trama tão interessante. Por prender o leitor temos esse tema nos contos e nos folhetins analisados e também observamos as características dos triângulos nos contos, presente no *Dom Casmurro*. Esses primeiros enredos foram essenciais para a construção do grande romance aqui discutido, pois as tramas cada uma com sua particularidade serviram de amadurecimento do escritor para a escrita dessa intrigante obra.

Em cada conto visto é possível visualizar a temática predominante e por meio dessa é representada a alma humana, cada comportamento, cada contradição do ser humano vivendo em sociedade e construindo sua vida da maneira que julga correto se viver, retratando assim, além do ser humano, as ideologias e a sociedade de uma determinada época que dialogam com outras sociedades e outras épocas.

Nos triângulos discutidos percebemos as seguintes construções: há um triângulo amoroso concreto, onde realmente ocorre o adultério e outro que na verdade este não acontece, mas uma das partes do relacionamento se envolve emocionalmente com outra pessoa ou um terceiro se envolve por uma das partes de um casal. Temos ainda aquele cujo parceiro desconfia do outro e cria para si uma realidade de ter sido traído, alimentando dúvidas, ciúmes e amores frustrados por conta de sentimentos ruins alimentados. Partindo dessa temática caímos também na questão do matrimônio e da infidelidade conjugal, onde surgem as relações com mais de um parceiro.

Como visualizamos e também dissemos os contos machadianos são uma prévia de suas grandes obras, sendo assim, os enredos com essa temática tanto discutida nesse capítulo foram também uma prévia para a criação de sua mulher mais complexa e enigmática Capitu contado por um grande e assumido Casmurro. Passemos então para Bento e Capitu.

3. CAPITU REVISITADA

Adentraremos neste momento no triângulo amoroso mais célebre da literatura brasileira: Bento, Capitu e Escobar. Neste capítulo analisaremos a narrativa de *Dom Casmurro*, as relações humanas, os personagens, suas realidades e ilusões, as estruturas da narrativa e como essa narrativa foi construída para envolver e ludibriar o leitor. Como o narrador se porta diante dos acontecimentos e como ele narra, monta seu enredo de acordo com sua memória e recordações.

3.1 A NARRATIVA MEMORIALISTA

Para analisar *Dom Casmurro* é sempre importante observar a construção da sua narrativa e seu narrador. Podemos dizer que a obra pode ser: biográfica, pois Casmurro conta a história de Capitu, autobiográfica⁶, pois conta sua própria história e também um romance de confissão, pois está a se confessar a todo o momento. A narrativa destaca como assunto Capitu e os elementos biográficos e autobiográficos vão disputando espaço no enredo.

Podemos dizer que *Dom Casmurro* é uma narrativa memorialista, desenvolvida com o narrador em primeira pessoa, esse narrador-personagem, autobiográfico, conta o que pensa ser real, expondo os fatos escolhidos para persuadir o leitor de sua verdade. A narrativa escolhida possibilita ao narrador a seleção dos fatos e elementos que ele deseja expor, para dessa forma contar sua história. Ela é uma narrativa filosófica refletindo uma análise e uma autodefesa, retratando a condição humana de quem viveu e teve a oportunidade de aprender como um observador e memorialista, ou mesmo protagonista, então, essa criação faz-se válida para ele mesmo, é a sua realidade. Trazendo essa realidade para o enredo, incita o leitor a reflexão, deixando muitas vezes que esse chegue as suas próprias conclusões, pois o narrador memorialista já escolheu sua realidade e viveu com suas consequências.

Essa narrativa trata-se da volta ao passado para a projeção do que foi vivido e o que o narrador personagem é no momento narrado. Ele escreve tentando preencher os vazios de sua alma, tentando de certa forma matar a mulher em quem pensou durante toda a vida, revivendo

⁶ Tese enunciada pelo Prof. Augusto Rodrigues durante discussões sobre *Dom Casmurro* ao longo das aulas de Realismo, no Primeiro Semestre de 2011.

o passado por meio da palavra. Pensava em escrever para preencher suas lacunas e de seus leitores “É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencher as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas” (ASSIS, 2007, p.143).

O foco narrativo é essencial para a interpretação e uma análise da obra. *Dom Casmurro*. Narrado em primeira pessoa pelo protagonista da obra Bento, conhecido na velhice por Dom Casmurro, em razão de ter se tornado uma pessoa amarga e solitária, nesse momento da velhice e da solidão ele começa a escrever sua biografia, ele decide contar o percurso de sua vida com Capitu. Dessa forma, temos os fatos todos contados da perspectiva subjetiva e unilateral do próprio personagem. Todos os dados sobre a juventude, sobre Capitu e sua vida, só conhecemos por sua análise dos fatos. Consequentemente não podemos acreditar cegamente nesse tipo de narrador, pois sempre existirão dúvidas sobre o que ele conta.

O narrador-personagem conta sua autobiografia com fatos que ele julga necessário, e toda a biografia de Capitu é feita mediante a seleção de fatos, dessa forma suprime informações importantes ou mesmo as esquece. O narrador Dom Casmurro no começo da narrativa já apresenta sua ótica sobre a vida, o que ele vai narrar:

A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e , de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. (ASSIS,2007, p. 10).

Mas também conta-nos sua dificuldade para relatar claramente alguns fatos e em muitos momentos ele relata na narrativa questões relacionadas a memória, uma bem interessante ele diz: “Quais foram as reflexões não me lembra agora.” (ASSIS, 2007, p. 214). Podemos encontrar outros trechos que confirmem essa questão da memória nos capítulos XIV, LXI, XLII, LXXIII, LIX.

O romance relata a história de vida de um homem que passa por todas as fases de sua vida, o romance tem início, meio e fim. Mas a existência desse personagem está atrelada a acontecimentos e ligada a outra personagem muito importante na obra que é Capitu, mas além de Capitu existe também todo um convívio retratado de Bento e seus familiares- sua mãe, seu tio, José Dias, prima Justina. Bento um rapaz tímido descobre na infância sua imensa paixão por sua vizinha Capitu e alimenta o grande desejo de casar-se com ela, mesmo sabendo da promessa de sua mãe em torná-lo padre.

Assim, a narrativa é realizada com os sentimentos e desejos do amor, do casamento, do ciúme, das dúvidas, da suspeita de uma traição causada por um amor ferido. Dessa forma, no enredo, o sentimento do amor une os dois levando-os ao casamento. Foram felizes por um determinado tempo, mas o ciúme descontrolado de Bento acaba com a felicidade do casal, tornando Bento amargo e solitário. Logo, toda essa relação de amor, de dúvidas, desejos e ciúmes possibilita dentro da trama a discussão do real e do imaginado. Como se apresenta na obra realidade ou a ilusão. É possível a abordagem dessa análise observando a maneira que o narrador nos apresenta durante a obra a ambiguidade da existência, as relações humanas, os sentimentos, a representação do que eu sou e do que o outro é, as contradições vividas pelo ser humano.

A discussão do real e da ilusão é possível, como vimos com Castello, pois a narrativa é construída de uma forma a gerar as ilusões no leitor para tentar convencer-nos da infidelidade de Capitu para com Bento e tenta provar que a pessoa fiel da história, boa e não dissimulada é ele e não sua esposa, mas quem está simulando é Casmurro, o narrador e não Capitu – personagem desta memória de papel. Este Dom Casmurro simula para envolver o leitor na sua história tentando colocar a mulher como culpada de sua solidão e desgraça de vida, enquanto o culpado pela vida escolhida é ele mesmo. Ele se julga fraco, mas percebemos fraqueza somente em Bento não no narrador.

Não só *Dom Casmurro*, mas em outros escritos como o conto *A Missa do Galo* o narrador também causa ao leitor dúvidas e inquietações sobre a verdadeira face da história, sobre a realidade que esse narrador nos conta, se realmente aconteceu determinados fatos ou se eles são parte de seu imaginário ou de sua suposta realidade. No compêndio literário machadiano *Dom Casmurro* não é o único nesse jogo de realidade e ilusão. Visualizamos vários outros narradores-personagens que filosofam e levam o leitor a pensar e causam dúvidas, um bom exemplo é *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Os narradores de Machado usam dessas técnicas para nos mostrar a realidade vivida nas relações estabelecidas com o próximo.

Sendo assim, podemos concordar com o que Eugênio Gomes no *Enigma de Capitu* nos diz: “O que fica patente, em seus romances, é que os seus narradores colocam, permanentemente, em dúvida as verdades de que possam ser portadores. Tudo dependerá do ponto de vista de que se observar” (p.239).

Como Casmurro utiliza-se do seu conhecimento, da sua formação profissional, como advogado para ludibriar seu leitor, tenta convencê-lo de que a verdade é a contada por ele e ele sabe como realizar essa tarefa com êxito. Então, lembrando de sua profissão e que ele é

um narrador que ouvia conversas atrás das portas, podemos sempre duvidar de sua história, além do que a narrativa memorialista é baseada na sua recordação e na escolha dos fatos folhetinescos por ele definidos.

3.2 O NARRADOR E AS TRANSFORMAÇÕES DO SER

Voltando ao narrador, sabemos que este é em primeira pessoa e como o foco narrativo é explícito, possuímos um narrador trapaceiro tentando todo momento persuadir o leitor para acreditar em sua narrativa.

Dom Casmurro apresenta um narrador confessando-se, contando como foi sua vida, suas fraquezas, quedas, tristezas, ele se despe para que o leitor conheça sua alma, seus medos, suas dúvidas, aproximando-se deste, ganhando sua confiança com o objetivo de tentar convencer os outros da realidade dos fatos e retratar também as relações humanas por ele vividas e analisadas – pelo processo de escrita de vidas. Mediante o olhar do narrador, temos suas escolhas, seu julgamento, esse “olhar-foco” como define Bosi (2007) seria a narrativa como processo expressivo, forma viva de intuições e lembranças que apreendem estados de alma no narrador pela experiência do real.

Além de ser um narrador em primeira pessoa, fica evidente a mudança do personagem durante a história, podemos dizer que existem três fases de um mesmo personagem na narrativa e que influenciam em sua interpretação, mas o olhar principal, mais importante é do último personagem, o solitário Dom Casmurro, pois ele é o resultado final de todas as experiências vividas. Em um primeiro momento identificamos um personagem jovem, esperançoso, sonhador. Depois, surge o Bento advogado fase conturbada por causa de seus conflitos interiores, suas eternas dúvidas sobre a traição e no terceiro momento ele supera essa incerteza adotando a realidade da traição, realidade pessoal que pode ser uma eterna ilusão, e começa a viver seu presente de solidão e amargura. Ou então, como coloca Ribeiro, uma versão dos fatos que erige o retrato de uma Capitu de papel, ou seja, personagem de livro.

Estes sentimentos provêm de um amor frustrado, de uma tentativa de felicidade ao lado da mulher amada destruída por ele mesmo, pois o amor dele era carregado de ciúmes e desconfianças, o que acabou matando o homem bom e feliz, ficando somente o homem ruim, triste, melancólico. Passagem bem explicada pelo seguinte trecho:

Mas à fase grata, sucedeu, com o naufrágio da ilusão, a fase dolorosa, marcada pelo conflito da incerteza em face da auto-afirmação e da necessidade do reconhecimento, em terceiros, da pessoa moral que legitima a vida afetiva. Finalmente, superados a incerteza e o sofrimento moral, com a derrocada da vida afetiva, uma terceira fase, aquela do final desiludido, sob o crepúsculo branco da solidão. Sugere-nos, esta terceira fase, o tempo presente do memorialista. (CASTELLO, 1969, p.142)

Esse personagem-narrador ao contar sua história tenta analisar e juntar os pedaços soltos, ou mesmo revive-los conseguindo, com o distanciamento dos fatos observar as mudanças em sua personalidade, no seu modo de agir e ser. No primeiro momento de sua juventude ele afirma ser diferente da vizinha, pois não consegue ter determinadas ações e se conforma com sua realidade, enquanto Capitu revolta-se, tenta conseguir o que quer, dissimula tudo em busca de seus desejos, esse fato demonstra a fraqueza de Bento e a força de Capitu que faria qualquer coisa para realizar o sonho de estar ao lado dele, demonstrando talvez a supremacia do amor de Capitolina, se é que Bentinho era realmente capaz de amar e se ele não fosse o verdadeiro dissimulado. Marcamos nesse sentido dois momentos dentro da história que a transformação dos personagens de Bento propicia, no primeiro momento os relatos dos acontecimentos pelo narrador, em outro momento ele tenta provar como os acontecimentos são verdadeiros e ele a vítima de uma traição, afirmando que tudo aconteceu, também utilizando os traços característicos da personalidade de Capitu.

As diferenças ditas no parágrafo anterior nos levam a pensar se realmente Bento era mais fraco. Sua fraqueza e indecisão aparecem nos momentos de sua adolescência e vida adulta, pois pensa em tudo fazer e nada faz como no pequeno exemplo : “ [...] era ocasião de pegá-la, puxá-la e beijá-la...Idéia só! Idéia sem braços! Os meu ficaram caídos e mortos” (ASSIS, 2007, p. 91), contrariamente Capitu sempre realizou o que pensava, porém quando torna-se Casmurro e decide escrever a história de sua vida e da vida da amada torna-se forte, acusador e decide culpar a esposa de todas as desgraças de sua vida.

Essas diferenças de perspectivas da narrativa representam mudanças ocorridas ao ser humano no decorrer da vida, pois na juventude sonhasse bastante, esperasse encontrar soluções para todas as coisas e conseguir viver um mundo ideal, porém na maturidade e na velhice a vida começa a se mostrar de maneira mais incisiva, realista, a realidade já se apresenta de uma maneira diferente, essas diferenças de fases vão moldando Bentinho que parece num primeiro momento sonhador, amigo, bom e acessível, porém sempre ciumento e fantasiando coisas e num segundo momento um velho amargurado que deixou esse ciúme

penetrar em sua alma e transformá-lo, ele mesmo assume: “[...] Eu não era ainda casmurro, nem dom casmurro; o receio é que me tolhia a franqueza, mas como as portas não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las, e Escobar empurrou-as e entrou.” (*Id., Ibid.*, p.137). Estas fases do indivíduo encontram-se na narrativa, pois o narrador conta seu passado olhando para si mesmo, tudo isso traduzido no paródico “hás de ser feliz Bentinho”, coletado do famoso “hás de ser Rei, MacBeth” – de Shakespeare.

Essas contradições vividas por Dom Casmurro pertencem, como vimos, à narrativa autobiográfica, pois ele percebe sua transformação durante o tempo em uma pessoa diferente, mas que é impossível voltar ao passado ou ser novamente esse outro já inexistente. Esse jogo mostra ao leitor que na verdade o Casmurro sempre existiu dentro do Bentinho, desde sua infância já havia em sua alma algo da Casmurrice, o ciúme, o silêncio, os ataques de raiva lutavam contra o Bentinho tímido e passivo, então com o passar dos anos o Casmurro foi ganhando espaço e o Bentinho foi perdendo suas características felizes e boas restando por fim somente o melancólico Dom Casmurro. Talvez ele em algum momento quisesse resgatar o Santiago que no momento da narrativa é impossível:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o resto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é , mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim (ASSIS, 2007, p.10).

Outro fator importante na obra representado é o ciúme sempre presente nas relações humanas, ciúmes que levam a dúvidas, indagações sobre a vida, sentimento que mudou Bentinho. O ciúme sentido por ele em relação a Capitu levou-o a desconfiar a todo momento e a ter dúvidas da fidelidade de sua mulher. Dúvidas transformadas em forma literária.⁷ Com a mente perturbada pelo ciúme é possível que todas as semelhanças existentes entre Ezequiel e Escobar na verdade sejam criações de sua mente, ou mesmo exista algum traço que os assemelhe, há possibilidade da ocorrência desse fato mesmo não existindo nenhum grau de parentesco entre as partes. O próprio Bento conta o episódio do retrato da mãe de Sancha parecida com Capitu.

⁷ Outra observação do Prof. Augusto Rodrigues, ao longo das aulas específicas sobre *Dom Casmurro*.

O ciúme muito característico das relações humanas desperta dúvidas em Bentinho e traz o mal para sua vida, revelando uma briga interior entre o bem e o mal, remetendo-nos a uma obra consagrada da literatura mundial: o *Otelo* de Shakespeare. Nela, o mouro Otelo influenciado por Iago, acredita que sua mulher o trai, sendo assim ele a mata e depois se mata. O ciúme e a desconfiança de Bentinho nascem como a de Otelo por influência de alguém, no caso de Bentinho é influenciado por José Dias, todavia em momentos posteriores esses sentimentos são alimentados somente pela mente do próprio Bentinho. Nos seus momentos de maiores perturbações ele pensa até em matar o filho e se matar, porém desiste. Otelo acreditou em uma mentira e destruiu sua vida, porém só acreditou na mentira pelo fato de duvidar de Desdêmona, já tinha ciúmes dela, então o lenço foi a última prova que ele precisava para matá-la. Por outro lado, o lenço de Bentinho, a possível prova da traição, era a semelhança que ele criou de Escobar e Ezequiel. Criou, pois na narrativa não existe nenhuma outra pessoa que dissesse que o menino era parecido com Escobar. Pelo contrário, sua mãe achava o menino parecido com Bento. Ele alimenta sua imaginação, alegando que o menino se parece com Escobar, que Capitu é dissimulada, que Capitu era outra mulher diferente da menina.

Pensando em toda a construção do enredo percebemos que o ciúme aproxima Bento de Otelo, porém suas características pessoais o aproximam de outro personagem shakespeariano, Hamlet. Bentinho não age como Otelo, não era forte nem decidido como o mouro, mas tinha dúvidas do que iria fazer como iria agir, sempre procurando outros caminhos, alimentado sempre pela obsessão e um pouco da loucura, o que no romance denominamos de *pathos*, como se fosse realmente uma doença⁸.

Podemos também aproximá-lo de Macbeth, pois esse personagem não consegue agir para realizar seus desejos, então sua mulher que age – como seria a Capitu desta narrativa. Esta teria se revoltado com a iminência do não-casamento, teria elaborado planos para Bento não ir ao seminário, para casar-se com ela. Teria, ainda, assumido seu sentimento, a iniciativa do primeiro beijo, das juras e promessas de amor. Ela tomaria todas as iniciativas que deveriam ser dele, enquanto isso ele teria vivido sem grandes tormentos, em suas ilusões, mas sempre inerte diante das situações, quase um títere de Capitu, da Mãe e do Destino.

⁸Mais uma vez dialogo com observações do Prof. Augusto Rodrigues ao longo das aulas específicas sobre *Dom Casmurro*.

Destacando essas características da mulher que sempre age, que realiza seus desejos, talvez sua personalidade tenha influenciado para a instauração do ciúme, da dúvida, até pela sociedade do século XIX não aceitar esse tipo de comportamento feminino.

Dom Casmurro cria em sua imaginação toda essa traição, mas também é o recurso da narrativa para deixar o leitor em dúvida sobre o que realmente aconteceu dentro da trama e assim chegar as suas próprias conclusões.

Dessa forma, atenta-se que a linha do real e do imaginário é muito tênue, como a linha entre a razão e a loucura: “A mesma reversibilidade entre a razão e a loucura, que torna impossível demarcar as fronteiras e, portanto, defini-las de modo satisfatório, existe entre o que aconteceu e o que pensamos que aconteceu” (CANDIDO,1995, p.30).

O narrador-personagem que cria todo esse jogo de realidade e ilusão também retrata nos detalhes da narrativa o século vivido por ele, por meio dessa narrativa subjetiva, analisando o papel do agregado em sua vida, figura tão presente nos livros de Machado de Assis e também no Brasil do século XIX. Capitu tão a frente de sua época não se portava como uma mulher do seu século era curiosa, não tinha interesse por rendas, queria aprender latim, e as mulheres de sua geração tinham de aprender esses afazeres, latim era para os homens. O narrador apresenta a visão da época sobre a religião, sobre a fé, a figura do padre, sempre muito importantes nas cidades e para as famílias, e o seminário, muito valorizado para um bom ensino e status social.

Sendo assim, *Dom Casmurro* é uma narrativa divertida, interessante e intrigante. O narrador possibilita ao leitor a diversão da leitura juntamente com os questionamentos e sensações humanas. Ele consegue prender o leitor na dúvida, na incerteza e em um questionamento constante sobre o que Bento imagina ou o que é realmente real, dentro dessa dúvida já discutida por diversos críticos se houve ou não uma traição resta-nos a certeza de que independentemente dessa traição que é somente o pretexto para a discussão de todo um conjunto de sensações humanas, do ciúme, verdadeiro motivador de toda a perdição de Bento.

O real é o que criamos para nós, uma versão, mesmo sendo uma armadilha de nosso imaginário, e essa realidade criada definirá os atos a serem tomados por cada indivíduo, alguns terão volta e podem ser consertados, se seu imaginário identificar que a própria pessoa criou uma realidade falsa, porém outros atos são sem volta – como no caso do romance. O narrador joga com o real e o imaginado para intrigar e fazer com que o próprio leitor analise os fatos, a forma do narrador contar os acontecimentos e as entrelinhas do seu discurso.

É admirável o que o narrador de Dom Casmurro consegue retratar com esse jogo. A relatividade e ambiguidade da vida, tudo mudando independente de nossas vontades, a vida

vai mudando de acordo com o destino. O destino zomba dos personagens de Dom Casmurro, o jovem que tinha tudo para ser feliz foi infeliz, o homem que adorava o mar foi tragado por ele, Capitu esperta morre sozinha, na frieza e na solidão. Na obra é possível perceber toda uma realidade da época sobre a sociedade mediante somente esse conflito do amor frustrado do ciúme alimentado a tal ponto do marido desconfiar da fidelidade da mulher. São os detalhes que prendem o leitor e dialogam com ele revelando um ser humano convivendo com todas as contradições do ser e do viver, lutando diariamente com o bem e o mal que vive dentro de todo ser humano.

3.3 A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS NA NARRATIVA

No romance *Dom Casmurro* os personagens secundários também podem expor suas opiniões tem voz, por meio da memória de Casmurro. Percebe-se isso no momento que José Dias e prima Justina tentam desmerecer Capitu, falando dela para Bento. Lembrando que possivelmente o ciúme e a desconfiança são implantados em Bento por José Dias em seu comentário de que Capitu tinha olhar de cigana oblíqua e dissimulada “[...]Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 2007, p. 62), porém José Dias não foi confiado a entregar as cartas de Bentinho a Capitu enquanto ele estivesse estudando fora.

Além desses momentos citados, José Dias tem muita importância na obra, pois aloja a desconfiança em Bento que na verdade já levava consigo a semente do ciúme, mas muito antes desse acontecimento quem desperta em Bentinho a possibilidade do amor por Capitu é o agregado, no trecho que Dias conta a Dona Glória do namorico dos dois adolescentes e o rapaz escuta por de traz da porta. Depois Bentinho diz:

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a eterna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandava, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira. (*Id., Ibid., p.33*).

Nos acontecimentos seguintes da trama é ele que ajuda Bentinho a sair do seminário e também a casar-se com Capitu, sendo assim, ele é personagem foco da narrativa, ajuda e participa de toda a formação da narrativa.

Existe no enredo uma briga não declarada ou um jogo na disputa por Bentinho, Capitu disputa o amado com a mãe Dona Glória e o Seminário. Dona Glória exerce muito poder sobre a vida do filho, pois para que ele vivesse fez a promessa que ele se tornaria padre mesmo ela tendo de perdê-lo para o seminário.

Escobar, o amigo de Bentinho do seminário e o possível amante de Capitu ajuda no romance do amigo e é muito querido pelos familiares. Amigos fiéis, embora tão diferentes! Escobar era forte, com um pensamento matemático ou aritmético, sonhava em ser um rico comerciante, e como Santiago não pretendia torna-se padre. Porém, por motivos diferentes. Casando-se com Sancha, melhor amiga de Capitu, eles tiveram a certeza de que o quarteto nunca iria se separar. Sancha em um determinado momento desperta o desejo de Bentinho, fazendo-nos acreditar que ele não era tão devoto à sua mulher, como na adolescência. No capítulo LVIII, por exemplo mostra como não conseguia tirar da cabeça as meias e as ligas da senhora que caíra na sua frente no dia anterior.

O pai e a mãe de Capitu representam uma classe inferior, o pai funcionário público trabalhador foi ajudado pela mãe de Bentinho. Na imagem da procissão percebemos os elementos socioeconômicos. Também nos sapatos de Capitu que ela mesma costurava. Capitu era uma menina esperta, não gostava de bordar, mas interessava-se por latim e tinha atitudes diferentes das mulheres do século XIX, isso a torna uma personagem interessante e desperta curiosidades no leitor e dúvidas em Bento, depois Casmurro. Este invejava não ser como ela, amar como ela.

Os personagens Tio Cosme e prima Justina influenciam muito pouco no enredo. Prima Justina, também agregada, tinha ciúmes de Capitu como José Dias e por vezes fazia algum comentário para desmoralizar a menina. Cosme era o “homem da casa”, pois mulheres no século XIX não podiam viver sozinhas, porém também era ajudado por D. Glória considerada sempre muito boa.

Como observamos entre os personagens José Dias tem grande importância nas ações acontecidas entre os 100 primeiros capítulos da trama, merecendo assim, ser observado não somente pela discórdia e ciúme implantado em Bentinho, mas também por ele ter feito o menino perceber o amor por Capitolina.

Essas personagens vivem as ideias do século XIX, respeitando os costumes da época, a religião muito presente e todas as máscaras sociais também utilizadas, sendo assim, nas

relações sociais nota-se o fato de Bento e Capitu não terem se divorciado, não houve nem um momento de escândalo, pois quando Capitu pediu para se separar ele levou-a para Suíça, onde viveu como uma rica mulher. Bento para manter as aparências do casamento viajava todo ano a Europa com a desculpa de visitar ela e o filho, mas na verdade ele nunca foi visitá-los. Ele se preocupa com sua imagem, com o quê os outros poderiam pensar dele, um aristocrata jamais poderia passar por tamanha vergonha perante a família e a sociedade.

Toda essa estrutura narrativa criada pelo narrador, as transformações ocorridas, a descrição de Capitu, as representações da época retratam a realidade vivida no século XIX e a vida de um casal destruída pelo ciúme, pela desconfiança e pelo amor-próprio.

3.4 UMA IDEIA FIXA, UM ENREDO DE PAPEL E UM NOVO TRIÂNGULO AMOROSO⁹

O romance *Dom Casmurro* é construído, narrado a partir de uma ideia fixa, mas não é só esta obra machadiana que seus personagens possuem ideias fixas, um exemplo é *Memórias Póstumas de Brás Cubas* cujo personagem-narrador morreu querendo fazer um emplasto.

A ideia fixa de *Dom Casmurro* é a menina, amiga, namoradinha, vizinha, adulta, esposa, traidora segundo sua história: Capitu, mulher de papel de um enredo de papel. Ela é a ideia fixa vivida por ele. Seu livro é escrito lembrando sua vida, mas sua vida está intimamente ligada à vida dessa mulher. Não há Bento sem Capitu. Ele, ao não matá-la, a escreve para reviver toda sua vida. A ideia fixa faz-se presente até na casa de Mata-Cavalos que ele mandou reconstruir no Engenho Novo para tentar trazer de volta o que viveu e buscar para seu presente Capitu. Um duplo arquitetônico para um duplo-romanceado

Ela é tão importante em sua vida que ele considera como dia inesquecível determinada tarde de novembro que ele descobrirá o amor sentido por Capitu e teve o conhecimento de ser recíproco. No seguinte trecho podemos perceber o quão inesquecível foi: “[...] Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca se me apagou do espírito” (ASSIS, 2007, p.11).

A casa representa o seu dono e toda a história de vida das pessoas que viveram nela, suas alegrias, tristezas. A vontade de Casmurro era tão grande de voltar ao passado que fizera

⁹ Este capítulo foi elaborado a partir das anotações das aulas de Realismo do Professor Augusto Rodrigues do Primeiro Semestre de 2011 – das quais participei como monitora. De modo geral, as notas de aula foram a base para as orientações específicas da monografia.

uma casa como a casa de sua adolescência para relembrar todo seu passado e certamente Capitu. Replicando a casa, talvez a história contada por ele tenha mais veracidade.

A casa é um espaço físico, também representa a temporalidade, Dom Casmurro deseja voltar ao seu passado ele precisa reconstruir sua casa igual a outra, porém, essa nova edificação não é igual a antiga, pois nem ele é mais o mesmo homem. Mesmo sendo idênticas a casa de Mata-Cavalos continuará no passado, na sua adolescência representando o doce Bento e seu doce namoro de infância, e a nova moradia no Engenho- Novo continuará sendo esse presente solitário vivido por ele. Confirmamos essa idéia com a seguinte citação:

Ninguém se liberta do próprio Passado, e Bentinho, reproduzindo a casa dos primeiros anos, procurando “atar as duas pontas da vida e restaurar na velhice a adolescência” e assim, de alguma forma, recuperar o Passado, vê-se diante de um enigma que não alcança decifrar e, nele, descobre-se emaranhado em mil voltas da vida e do seu próprio eu: acaba por concluir que é impossível “recompôr o que foi e o que fui”. E acrescenta: se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. A casa reconstruída reproduz a de Mata-Cavalos, mas algo está ausente, sendo embora o principal: “falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo” (MARIANO et al., 2003, p.279)

Em resumo, ele não conseguirá voltar ao passado, nem a Capitu, nem a felicidade, ele somente poderá reviver sua vida mediante sua narrativa. Tem-se assim, uma casa de papel.

Sabemos que a patologia, a loucura, a obsessão e a ideia fixa de Bento é Capitu o que poderia ter sido e não foi, o amor ferido, a dúvida, o ciúme que o maltrata e não o deixa viver, mas sempre ela viverá presente em sua mente, ele tenta dizer que foi traído, desmoralizar e desmerecer Capitu, mas mesmo criando a trama do seu jeito ela continua vivendo grudada em sua alma e coração.

Luiz Filipe Ribeiro de certa forma diz que os três romances de Machado *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* possuem a ideia fixa do triângulo amoroso. No segundo capítulo deste estudo tratamos das diferenças entre esses três triângulos, retomando resumidamente, em *Dom Casmurro* possuímos o provável traído contando sua história, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o amante contando o seu caso com a antiga namorada, em *Quincas Borba* o marido lança a mulher nos braços de outro, mas não passa de encenação o jogo de sedução, pois na verdade marido e mulher só estão interessados no dinheiro de Rubião.

A essa ideia fixa do triângulo amoroso pretendemos acrescentar outro romance machadiano *Esau e Jacó*. Listamos essa obra como o quarto romance pertencente aos triângulos, pois nele existe a questão de dois irmãos, Pedro e Paulo, que desejam a mesma

mulher, Flora, que ama os dois e não sabe com quem deseja ficar, e não escolhendo morre por “indecisão”, por não existir nenhuma forma de permanecer com os dois, na sua fantasia seu maior desejo é que os dois virassem um, mas diante da impossibilidade dessa realização ela morre. Aires conta como é Flora, mas decide não classificá-la, porém indiretamente o faz diferentemente de Casmurro que conta Capitu, mas classificando-a e rotulando-a. Esta discussão terá, em momento oportuno, seus desdobramento, pois não caberia no espaço sucinto de uma monografia.

Por fim, percebemos que a temática mais uma vez se repete em outro romance machadiano como também nos contos, conforme apontado, e que esse romance possui alguns pontos de diálogo com nossa obra aqui abordada. Enfim, Machado de Assis utilizou-se de um tema universal e quase arquetípico para compor suas mais conhecida obra memorialista e seu enredo de papel mais intrigante.

CONCLUSÃO

Tendo em vista todas as análises realizadas no desenvolvimento do presente trabalho conseguimos visualizar no panorama de mais de cem anos da crítica de *Dom Casmurro*, grandes transformações nos pontos de vista. Sabemos que a crítica revolucionária foi realizada por Caldwell muito lida até os dias de hoje. Neste estudo, tivemos entre outros, muita influência da obra de Caldwell, Bosi, Candido, Aderaldo Castello, mas destacamos em muitos momentos a tese de Luis Filipe Ribeiro sobre o triângulo amoroso do livro *Mulheres de papel*.

A tese de Luis Filipe Ribeiro muito influenciou, pois a temática do triângulo amoroso está muito presente na obra machadiana e por meio dessa crítica foi possível estabelecer os diálogos entre os contos e os romances do Bruxo do Cosme Velho. Devemos destacar, nesse momento as interpretações de Augusto Meyer, primeiro crítico a levantar essa hipótese de triângulos amorosos recorrentes no compêndio literário do escritor brasileiro.

Foi muito importante observar as construções desses triângulos amorosos, tanto no romance estudado como em outras obras, pois percebemos este como uma temática muito utilizada na literatura machadiana. Esse tema folhetinesco prende o leitor, aguça a curiosidade e diverte, mas da mesma maneira leva o atento leitor a olhar a sociedade, o que o escritor escreve, as relações sociais e humanas de uma maneira crítica em que de um fato corriqueiro analisa-se as situações relatadas na obra não só para tirar suas próprias conclusões mas, ao mesmo tempo, para se pensar o indivíduo e suas contradições.

Dessa maneira, compreendemos que o mesmo Machado escritor, para a diversão do leitor de romances, também queria causar a inquietação e despertar no leitor um mundo de reflexões. Analisamos essas características, pois *Dom Casmurro* é um livro atraente e proporciona esta leitura divertida. Mas, em uma leitura mais detalhada, visualiza-se as relações humanas por vezes conturbadas e complicadas, os sentimentos humanos mais destrutivos, a sociedade do século XIX em que a mulher era submissa e que ao mesmo tempo articulava-se na esfera privada. Capitu por exemplo não representa a mulher sem ação, submissa, porém não tem voz direta, mas se destaca por sua força, por se demonstrar mais decidida do que Bento Santiago. A religião muito presente na obra razão de promessas, o seminário como lugar de uma boa educação, a constante luta de Capitu contra a promessa da mãe e a ida do amado para o seminário. Todas essas relações estabelecidas proporcionam uma análise da obra, do século XIX até a atualidade.

Ao analisar percebe-se o quanto o narrador-personagem tenta nos convencer de sua verdade. Jogando a todo o momento com real e o imaginado, para assim, envolver o leitor e essa finalidade é alcançada e também para intrigar e fazer com que o receptor do texto chegue às suas próprias conclusões, analisando assim os fatos, a forma do narrador contar os acontecimentos e as entrelinhas do discurso. Ao envolver o leitor, convence de que a culpada do mal em sua vida é Capitu, mas se partimos do pressuposto que ele é um narrador trapaceiro, que ouvia atrás da porta e acusa sem permitir a defesa, concluímos que o mal existente em sua vida foi por ele mesmo causado. Mal causado por suas escolhas e sentimentos ruins alimentados durante toda a vida e ressentimentos cultivados o tornaram tão conhecido como o Dom Casmurro. O homem envolvido pela memória e articulador de enredos de papel, cuja personagem principal é Capitu – que era Capitu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro :Nova Fronteira, 2007.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções).

_____. *Quincas Borba*. São Paulo: Globo, 2008.

_____. *Contos de Machado de Assis, v.2: Adultério e ciúme*; João Cezar de Castro Rocha (org.). Rio de Janeiro: Record, 2008.

AUERBACH, Erich. *Mimeses. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BOSI, Alfredo, GARBUGLIO, José Carlos, CURVELLO, Mário, FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982, (Coleção escritores brasileiros: Antologia e estudos).

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

_____. *Por que ler os clássicos*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

_____. “Esquema de Machado de Assis”. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CALDWELL, Hellen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e Ilusão em Machado de Assis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

COUTINHO, Afrânio. *A Filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi LTDA, 1940.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções)

GOMES, Eugênio. *O enigma de Capitu*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

LUKÁCS. Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S.A, 1965.

MEYER, Augusto. Da sensualidade na obra de Machado. In: _____. *À sombra da Estante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

MARIANO, Ana Salles; OLIVEIRA, M. Rosa Duarte. *Recortes Machadianos*. São Paulo: EDUC, 2002.

MILHOMEM, Humberto; CATELAN, Alvaro. *Contos comentados de Machado de Assis*. Harbra. São Paulo: 2002.

MOREIRA, Carlos. *Dom Casmurro*. Disponível em < <http://www.webartigos.com> >. Acesso em 20 de novembro.

RIBEIRO, L. F. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói: Eduff, 1996.

Samuel. Português. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. p. 451 – 453. Edição Revista e Corrigida.

SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SENNÁ, M. de. *O Olhar Oblíquo do Bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet, Rei Lear, Macbeth*. Trad. Bárbara Heliodora. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções)

_____. *Alusão e zombaria: considerações sobre citações e referências na ficção de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.

SILVA, JR, Augusto. Rodrigues da. *Morte e decomposição biográfica em Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 217 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2008.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1908*. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.